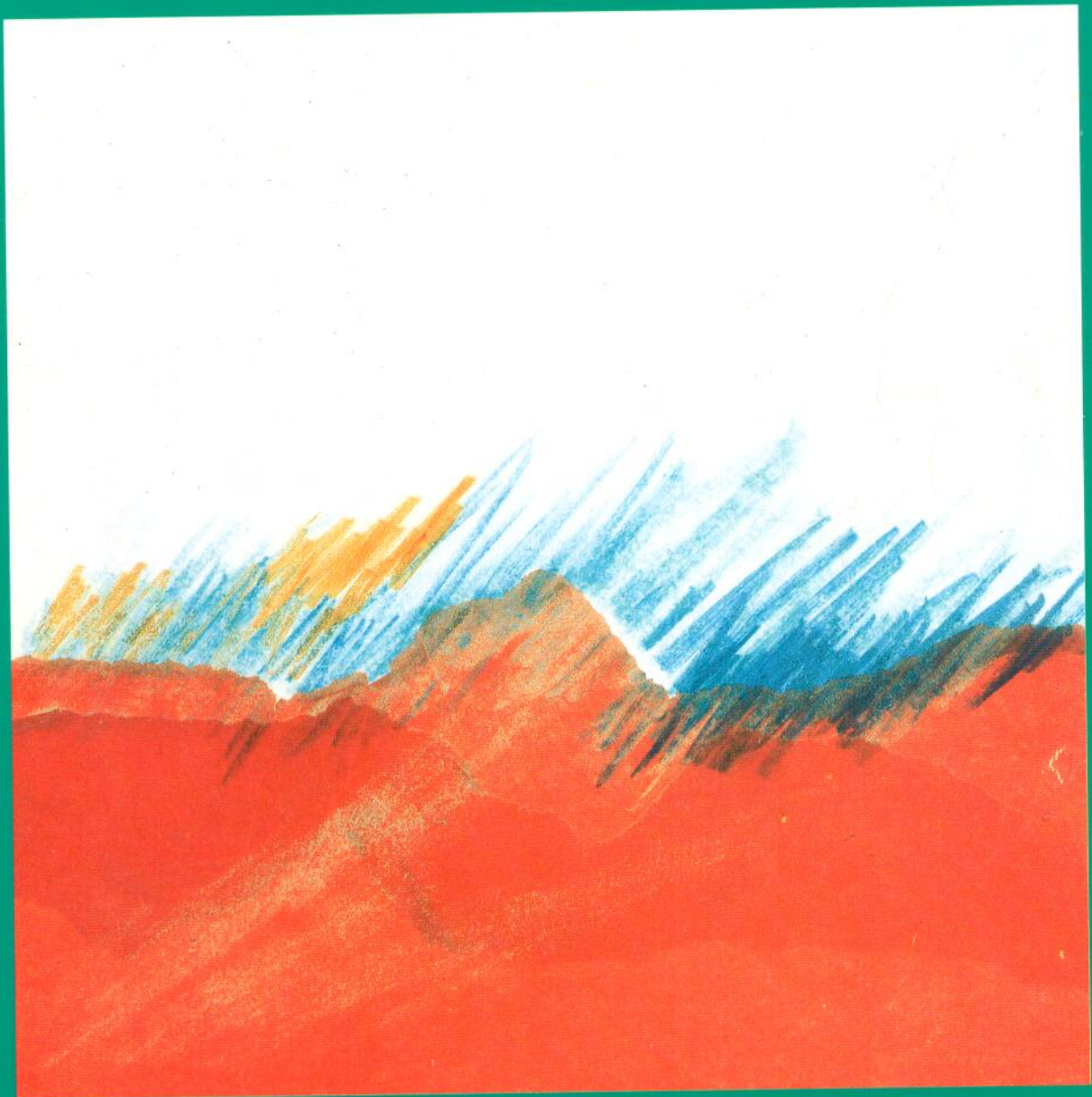




**1ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DE
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**



SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS)

1ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

5 a 9 de Abril de 1988

A C T A S

*Oferta ao
Dr. José Manuel Mendes
do Instituto de Ciências Sociais
Comissão Executiva
da CISE*

Instituto Politécnico de Faro
Escola Superior de Educação



COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

Alberto Melo - E.S.E. de Faro
Ana Benavente - Faculdade de Ciências de Lisboa
Ana Maria Domingos - Faculdade de Ciências de Lisboa
António Joaquim Esteves - Faculdade de Economia do Porto
Eduarda Cruzeiro - Instituto de Ciências Sociais
Emília Pedro - Faculdade de Ciências de Lisboa
João Formosinho Sanches - Universidade do Minho
João Viegas Fernandes - E.S.E. de Faro
Luis Dias Costa - E.S.E. de Castelo Branco
Luis Pardal - Universidade de Aveiro
Mariana Dias - E.S.E. de Coimbra
Maria José do Rosário - E.S.E. de Beja
Maria Leonor Borges Santos - E.S.E. de Faro
Nelson Fonseca Matias - E.S.E. de Setúbal
Pedro Silva - E.S.E. de Leiria
Rosa Lima - E.S.E. do Porto
Sérgio Grácio - Universidade Nova de Lisboa
Setphan Stoer - Fac. Psicologia e Ciências da Educação do Porto
Telmo Lapa Caria - C.I.F.O.P. da Universidade Trás-os-Montes e
Alto Douro

COMISSÃO EXECUTIVA

João Viegas Fernandes - E.S.E. de Faro
Maria Leonor Borges Santos - E.S.E. de Faro

INDÍCE

	Pág.
Comissão Organizadora	2
Comissão Executiva	2
Patrocínio e Apoios	3

SESSÃO DE ABERTURA

Apresentação da Conferência pelo Representante da Comissão Organizadora Nacional João Viegas Fernandes	5
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---

COMUNICAÇÕES

1. Organização Social, Sistema de Ensino e Instituição Escolar.	
Beyond the Discourse of Critique and Anti-Utopianism Henry Giroux, Peter McLaren	11
Exercising the Sociological Imagination in Adversity: Sociologists and Teacher Education Under Thatcherism Len Barton, Geoff Whitty	43
Efeitos do Contexto Escolar na Auto-Eficácia e Auto- Avaliação Organizacionais dos Conselhos Directivos das Escolas Secundárias Maria de Fátima Chorão Sanches	63
Os Jovens e a Opção pelas Licenciaturas em Ensino - um Estudo Exploratório Maria José do Rosário	96
Organização Social, Sistema de Ensino e Instituição Es- colar. Sociologia e Organização Social: Que Opções? Que Projectos? Maria da Vitória Mourão	103

2. Práticas Sociais, Institucionais e Pedagógicas - O Sucesso Escolar

- A Sociologia da Educação no Ensino das Ciências: Para Uma Prática Pedagógica que Altere o Aproveitamento Diferencial
Ana Maria Domingos 113
- Diferentes Tipos de Ensino-Aprendizagem na Sua Relação com o Aproveitamento dos Alunos dos Estratos Sociais mais Baixos
Ana Maria Domingos, Dulce Peneda 123
- Diferentes Papéis Sociais na Classe Trabalhadora e Aproveitamento Diferencial Escolar
Ana Maria Domingos, Lurdes Cardoso 136
- Representações, Estratégias e Práticas Sociais no Campo Universitário
José Manuel Resende 150
- Factores Socioeconómicos e Socioculturais no Sucesso dos Alunos
Libertário Viegas, Maria Pinto 212
- A Experiência de "Educação Ambiental Para o Desenvolvimento": Uma Forma Alternativa de Relação com o Saber
Maria Helena Almeida Cavaco 217
- As Representações Sociais dos Pais em Relação à Escola e aos Professores
Marina Vieira Pereira 221
- ### 3. Modelos e Conteúdos na Formação de Professores(as) - contributos da Sociologia da Educação.
- A Sociologia na Formação de Professores: Novos Dogmas ou Um Contributo à Mudança
Ana Benavente 235
- Social Technology Versus Critical Theory in Reserach on Teaching and Teacher Education
Christer Fritzell 246
- A Sociologia da Educação na Formação de Professores em Serviço
Cristina Rocha, Manuela Sampaio 267
- Garrett e a Sociologia da Educação
P. Francisco Videira Pires 274

Análise de Problemas Educativos Identificados por Professores em Formação Hermenegildo Correia	289
A Sociologia da Educação na Formação de Professores(as): Contributos para o Sucesso Escolar/Educativo João Viegas Fernandes	298
Supervisão e Supervisores: Papel, Estatuto e Funções na Componente de Prática Educativa dos Programas de Formação de Professores Manuel Jacinto Sarmiento	311
A Sociologia da Educação e a Formação de Professores para o Desempenho de Funções no Sistema Social Escola Maria da Conceição Alves Pinto	328
Para uma Análise do Conceito de Formação de Professores Maria José Martins	337
Inovação e Formação de Professores: O Papel da Sociologia da Educação Rui Canário	345
Information et Formation: Méconnaissance de l'Institution et Usage Sélectif des Sciences de l'Éducation Suzanne Mollo-Bouvier	351
Conclusões	367
Índice	369

REPRESENTAÇÕES, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS SOCIAIS NO

CAMPO UNIVERSITÁRIO

José Manuel Resende
Instituto de Ciências Sociais

1. SOBRE O OBJECTO DESTA PESQUISA

O objectivo da conferência é relacionar a Sociologia da Educação com a formação dos professores. Mas o objecto construído para esta pesquisa, que se articula com uma problematização e com um enquadramento teórico concreto, não tem uma relação directa com o tema central deste encontro. Porém, com o decorrer da análise do que aqui está escrito perceber-se-à melhor a associação entre esta temática e a formação de professores.

Os objectivos desta investigação são dois. O primeiro e o mais importante é dar início a uma nova problematização no interior da Sociologia da Educação. Abordar as representações, estratégias e práticas sociais na universidade é acentuar a importância dos protagonistas no processo escolar, e reciprocamente o conjunto das determinações estruturais observáveis a partir da interpretação das variáveis de caracterização social, quer dos estudantes, quer dos respectivos grupos domésticos. O segundo é propor uma nova perspectiva teórica sobre o campo universitário. Sendo um campo estruturado, ele sofre, com o tempo transformações que é preciso precisar. Do mesmo modo é fundamental explicitar as características e propriedades deste campo. Uma mudam, outras perduram no tempo. De qualquer modo é interessante integrar estas questões no processo escolar que é constantemente construído pelos mais directos intervenientes na Universidade. Professores e alunos que durante o período da licenciatura se encontram num determinado espaço, promovem na e pela interacção, determinadas leituras sobre a realidade escolar. Mas ambas têm uma história que pode ser descrita através das trajectórias sociais e escolares. A conexão entre a construção da realidade social e escolar, realizada pelos agentes escolares e a sua estruturação, a partir das limitações estruturais, são um princípio orientador da perspectiva teórica adoptada nesta pesquisa.

O objecto analítico desta investigação está circunscrito a uma pequena zona do amplo campo escolar e universitário. Os seus limites correspondem a um conjunto de estudantes universitários que em Lisboa pretendem concluir três cursos de Ciências Sociais e um de Engenharia Informática. Todas as interpretações formuladas neste artigo referem-se exclusivamente

a esta pequena amostra. No entanto a partir deste estudo, outras pistas de investigação poderão surgir e, deste modo, alargar-se-à a visão sobre o campo universitário.

Para se compreender melhor os dois objectivos enunciados é necessário esclarecer a história deste trabalho. Ele está ligado a um vasto programa de investigação em curso no Instituto de Ciências Sociais denominado "Classes Médias Urbanas: Recomposição Social e Mudança Cultural" (1). É evidente que o alcance e a projecção daquele programa nada tem a ver com a reduzida amplitude deste sub projecto.

Para completar alguns estudos já efectuados sobre aquele tema sugere-se o interesse por uma problemática que equacione a interessante e complexa relação entre a Escola e as Classes Sociais. Porquê o interesse sobre este tema?

Sabe-se que uma das dimensões da mudança no interior das amplas "classes médias" passa pela crescente procura de um saber e de uma qualificação superior. O diploma escolar passa a ser considerado como um símbolo que é alvo de uma luta cerrada no interior do campo universitário, por todos os grupos e fracções das classes médias. Como ele ainda é escasso, nem todos o conseguem alcançar. Quem o adquire, através da conclusão de uma licenciatura pode, com a legitimidade atribuída pela instituição escolar, afirmar perante os outros um determinado e específico capital cultural: o capital escolar.

A aquisição deste, por alguns grupos e sua ausência noutros grupos das classes médias, é um sinal evidente que estas, neste caso concreto não são um conjunto homogéneo. Neste sentido um dos indicadores da sua segmentação interna passa pela importância dada à escola, ao processo de escolaridade e à obtenção de um título académico com valor e prestígio social.

Por isso assiste-se nas sociedades actuais a um enorme crescimento do volume de alunos escolarizados, de escolas e de professores. A escola fechada de outrora, massifica-se levantando por isso novos problemas que é preciso salientar e reflectir. Para essa massificação contribui decisivamente o crescimento em volume das classes médias, sintoma de trajectos de mobilidade social e escolar, individuais e colectivos.

Mas o jogo das práticas e estratégias sociais das classes médias, no campo escolar e universitário, é limitado por outros que são desencadeados pelas restantes classes existentes na estrutura social. O seu êxito, isto é, para chegarem ao fim do percurso universitário com um diploma, depende dos recursos que cada um e todos os membros das várias classes tiveram ao seu alcance. Porém é do conhecimento sociológico que aqueles recursos - económicos, sociais, culturais e escolares - estão desigualmente distribuídos no interior da estrutura de classe e de cada uma das classes e fracções de classe. Por isso, a luta que se trava é desigual e os seus efeitos não são totalmente previsíveis, nem completamente controlados pelos respectivos agentes sociais.

Observam-se processos de conversão e de reconversão de capitais. Os que têm capitais económicos "investem" no processo escolar dos seus filhos para que estes consigam "conquistar" um título académico. Mas, por vezes, este processo não é linear, nem automático.

Mas, quaisquer que sejam os fins das lutas travadas no interior do campo universitário, o importante, para além das questões ligadas à probabilidade diferencial do acesso às licenciaturas, é reflectir sobre os quadros de interacção e os seus protagonistas. Para isso, deve-se articuladamente interpretar as construções subjectivas feitas, neste caso, pelos estudantes sobre a vida universitária, o futuro social, a trajectória social e escolar, e as condições objectivas que contribuíram, quer para aquele tipo de construção, da realidade social e escolar, quer para o sucesso escolar.

Um dos fundamentos teóricos aqui propostos é a articulação subjectivista e objectivista da construção da realidade social e escolar que cada um e todos elaboram. Para isso é importante não esquecer as dimensões tempo e espaço. Porquê? Todos têm uma história social e escolar, com aspectos comuns e outros particulares. É preciso problematizar e perceber o sentido prático da especificidade das práticas sociais e escolares de cada um, com os seus aspectos comuns existentes no quadro das classes e fracções de classe. Esta compreensão e respectiva leitura possibilita estabelecer com maior rigor as características das estratégias sociais e a orientação que elas promovem. Mas, quer as práticas, quer as estratégias sociais, só são verdadeiramente interpretadas se for possível decifrar as representações sociais construídas pelos agentes sociais sobre a escola, em particular aqueles que estão a estudar na universidade.

Por tudo o que já foi dito não é novidade afirmar-se que a universidade é lida como um sub campo do amplo campo escolar, que é construído por um quadro complexo de interacções sociais e escolares. As dimensões subjectivas e objectivas contribuem decisivamente para que os protagonistas directos do processo universitário - alunos e professores - construam e reconstruam os diversos quadros e processos interactivos. Como se tem afirmado, não é objectivo, nem objecto desta pesquisa interpretar, quer a constituição destes quadros interactivos, quer as suas estruturações em todo o campo universitário português.

De qualquer modo, mesmo centrando-se num determinado espaço do campo universitário, a rede complexa da interacção entre os agentes sociais e escolares, ultrapassa os muros das faculdades, em virtude das deslocações permanentes e da transitoriedade da passagem dos estudantes por aquelas instituições. O amplo espaço social nacional é trazido por eles e pelos professores para dentro da escola e da sala de aula. Deste modo o micro e o macro articulam-se e reciprocamente influenciam-se. Nas trajectórias de cada um e de todos existem potencialmente as características das suas gerações e as experiências activamente recebidas das anteriores.

Mas quem são os protagonistas? Na cena universitária já delineada, encontram-se dois tipos distintos de agentes. Os primeiros são considerados agentes directos. São aqueles que estão directamente empenhados no processo de produção e de reprodução dos processos interactivos. Professores e alunos, dentro e fora das salas das aulas, nas actividades escolares e sociais proporcionam a constituição das principais redes de interacção na universidade. Algumas delas são limitadas pelas determinações estruturais da estrutura universitária. Destas salientam-se o trabalho e a relação pedagógica e os seus efeitos, não controláveis, na sua totalidade, por cada um destes grupos em confronto. As suas significações, dominações e legitimidades são algumas das propriedades e princípios estruturais que delimitam as práticas sociais desencadeadas por alunos e professores.

Os restantes são os agentes indirectos. Estão ausentes da estrutura do quadro interactivo existente na universidade. Mas, da mesma forma exercem determinadas influências na estruturação daqueles processos. Uns são os quadros do Ministério da Educação. Outros são os membros do sector administrativo das universidades. Mas também se devem considerar os agregados familiares. A história escolar de cada uma das gerações decerto que ajuda a criar determinadas percepções e disposições de cada um dos membros dos grupos domésticos sobre a escola e o seu percurso. A maior ou menor proximidade do universo escolar determinam maiores ou menores êxitos e melhores capacidades reflexivas na descodificação dos símbolos e das cerimónias existentes na instituição universitária.

Não é objecto deste estudo abordar e interpretar os empenhamentos directos e indirectos de cada um dos protagonistas. E por isso não é possível analisar e reflectir sobre os princípios estruturadores dos processos interactivos. Nem tão pouco é possível verificar a contribuição que cada um exerce na formação das representações que os estudantes elaboram sobre a universidade, o seu trajecto e a influência deste no futuro (im)previsível de cada um dos estudantes.

Esta investigação incide sobre um dos protagonistas directos. Eles são estudantes incluídos na amostra. Analisam-se algumas dimensões objectivas e subjectivas que são determinantes na construção da realidade universitária, por parte de cada um dos agentes da amostra, e para as suas práticas e estratégias sociais e escolares, quer no interior, quer no exterior do campo universitário. Não é possível, para já, relacionar aquela construção, as estratégias e as práticas sociais segundo a origem de classe dos estudantes. Em futuras pesquisas apresentar-se-ão a segmentação das representações, estratégias e práticas sociais segundo a tipologia das classes e fracções de classe construída e apresentada noutro trabalho (2).

Antes de tudo é fundamental sublinhar que nem as dimensões objectivas, as determinações estruturais, nem as dimensões subjectivas que favorecem a produção e reprodução das representações, estratégias e práticas sociais determinam "univocamente os resultados dos processos interactivos", onde cada um deles (representações, estratégias e práticas sociais) se

afirma, se define e se estrutura. "Há normalmente um leque maior ou menor de probabilidades" para que as determinações estruturais, estruturam e limitam aqueles quadros. "Qual deles se verifica, depende dos protagonistas sociais e do processo de interacção entre eles" (3).

Mas o que se entende por dimensões subjectiva e objectiva, que dão forma aos conceitos aqui analisados? As primeiras são todas as variáveis e indicadores que são atribuíveis aos agentes sociais. Os motivos e as razões das opções efectuadas na escolha das licenciaturas ou a autovalorização/desvalorização que fazem dos cursos que escolheram comparativamente a outros com uma maior tradição e prestígio social, são exemplos de dimensões subjectivas. A importância delas é a caracterização do tipo de competência reflexiva que os estudantes, desta amostra, possuem, que lhes conferem uma determinada capacidade orientadora nas práticas sociais por eles delineadas. Mas as opções, as escolhas que efectuam e que se manifestam pelo tipo de condutas, de trajectórias, ou de percursos escolares e sociais que realizam são limitadas, quer pelos processos de interacção, quer pelas determinações estruturais que condicionam as práticas dos estudantes naqueles mesmos processos interactivos. Mas a interpretação sociológica destes processos só é possível pela articulação e pelo complemento das informações e dados retirados destes dois tipos de dimensões.

É de sublinhar que se ^{elas} estão incorporadas em cada um dos agentes sociais, elas, também, são transpostas para as classes ou fracções de classes sociais, cujos membros e suas práticas sociais são objecto de análise e de interpretação sociológica. Por outras palavras, nem o que há de homogéneo, nem o que há de particular, se esgotam na análise sociológica dos processos escolares. Estes são autenticamente construídos e interpretados cientificamente na e pela articulação destas duas dimensões.

Quais são as variáveis e os indicadores que nos permitem averiguar as condições objectivas que limitam e, por vezes determinam as escolhas e as orientações dadas às condutas dos estudantes desta amostra? Uma delas é a origem social da classe dos agentes sociais. Esta é construída através de um conjunto de \Rightarrow variáveis que caracterizam socialmente os membros dos grupos domésticos, que neste caso são o pai e a mãe de cada um dos estudantes. Pela análise da informação retirada de cada uma delas (referente ao pai e à mãe), como por exemplo, a categoria socio profissional, o nível de instrução, o sector da actividade económica, entre outros, é possível determinar um valor. A partir do conjunto de valores atribuídos classificaram-se os grupos domésticos, integrando-os numa tipologia das classes e fracções de classe construída para o efeito. A ideia é afirmar que o pai e a mãe de cada um dos estudantes tem certas características sociais semelhantes aquelas que caracterizam globalmente uma classe ou fracção de classe construída pelas principais teorias sociológicas (4). Mais à frente verifica-se que o conceito de origem social não tem a mesma significação sociológica que o de pertença de classe. Em particular no que se refere a este grupo

social específico - os estudantes universitários - que pela sua natureza transitória, por ainda não estar integrado profissionalmente e pela idade, não possuem todas as condições objectivas para pertencerem a uma determinada classe ou fracção de classe, embora, através de uma concepção dinâmica dos mesmos, considerando as suas trajectórias virtuais (dos estudantes), se possam articulá-las e associá-las com certas classes e fracções de classes, em particular, nas suas dimensões subjectivas.

Seguidamente vem a origem geográfica. Qual a naturalidade dos pais? Ela corresponde ao local onde presentemente residem? A naturalidade dos pais é a mesma da dos filhos? A residência dos estudantes é transitória ou não? A partir destas informações é possível verificar se quer os pais, quer os filhos, realizam uma mobilidade geográfica. Deslocam-se do campo para a cidade? De concelhos do interior para os concelhos do litoral? Dirigem-se para a cidade de Lisboa? Os fluxos de mobilidade geográfica, não só, ajudam a compreender as maiores ou menores probalidades que tiveram para o acesso à universidade, como permitem enunciar um conjunto de questões sobre a influência destes na integração social e escolar de cada estudante e no tipo e natureza diversificada de processos interactivos na escola. Não será importante reflectir sobre a componente geográfica e a correspondente diversidade cultural na universidade, relacionando-a quer com a relação e trabalho pedagógico, quer com outros tipos de relações que se manifestam dentro e fora das salas de aula? Que influências existem entre os trajectos geográficos particulares e comuns e os recursos pré-existent e adquiridos pelos membros do grupo doméstico e que racionalmente são potencializados por cada um dos protagonistas do processo escolar aqui em foco?

Um dos recursos que contribuem decisivamente para o êxito do trajecto escolar é a quantidade e o tipo de saberes qualificados existentes no meio familiar. A finalidade desta variável, nível de instrução, é determinar o tipo de capital escolar acumulado nas famílias, mas também, por meio deles reflectir sobre as facilidades e limites que ele proporciona aos estudantes inquiridos. Facilidades e limites de integração social e escolar no meio universitário, assim como na escolha dos perfis sociais e académicos dos amigos com quem se relacionam, mas também das certezas e incertezas dos êxitos escolares. Que condicionalismos provocam, a presença ou ausência nos grupos domésticos de membros com ou sem capital escolar, nos filhos que entraram na universidade? Favorecem a constituição de um universo conceptual adaptado às regras e mecanismos da instituição escolar? Facilitam a comunicação com os colegas, na mesma situação e com as mesmas condições, e com os professores? Estes estudantes têm neles incorporados valores propriamente escolares e que se manifestam nos processos de interacção escolares? Os outros, que não têm uma tão grande familiaridade com as características universitárias, distinguem-se dos primeiros, exactamente porque manifestam outros valores, sem ser os propriamente escolares? Ou a universidade, último instrumento da socialização escolar, homogeneiza os valores, as opiniões, os motivos e as razões de todos os estudantes sobre os problemas e acontecimentos escolares e sociais? Um facto é importante

ressaltar: parte-se da hipótese de que o maior volume de capital escolar acumulado no grupo doméstico é um sinal de maior proximidade do universo conceptual e prático da universidade. Conceptual porque tem um conhecimento sobre a vida académica que adquire o efeito do corpo; isto é, possui uma forma que é representada e que ganha vida na actividade discursiva elaborada em casa. Estas representações produzidas e reproduzidas no meio familiar sobre a universidade, as experiências escolares, o que é fundamental para saber manusear uma obra, numa biblioteca, que condutas se devem ter num ritual académico tradicional, etc, têm de certeza alguma influência nas práticas sociais e são capacidades e competências que se transmitem de geração em geração, que facilitam a construção e realização de estratégias sociais e escolares que decisivamente conduzem os seus filhos para a academia.

Ao construir os perfis de capital escolar que, em princípio, estes estudantes vão obter, ao universo escolar dos pais associam-se a escolaridade dos amigos por eles escolhidos. De certo que a proximidade e o afastamento da realidade escolar e cultural é um dos eixos que estruturam e limitam a escolha dos amigos nos estudantes universitários. Não só porque é um dado importante para se sentirem à vontade nos processos interactivos com os seus colegas, que se reconhecem neles, através do mesmo código e tipo de expressão, no valor que atribuem a determinadas crenças, em síntese, na forma como constroem e vivem a realidade universitária e social, mas também porque com eles podem estabelecer trocas simbólicas com valor social e escolar que os ajudam a percorrer a universidade com maiores êxitos. Que efeitos terão estas trocas e representações sociais e escolares comuns no futuro social, profissional e familiar?

Por último uma palavra sobre as variáveis idade e sexo. Estas não são objecto de uma reflexão muito grande em virtude das características desta população escolar. Não havendo turnos nocturnos não existe um forte contingente de sub população de estudantes trabalhadores e por isso a grande maioria dos inquiridos pertencem a um dado grupo etário. A importância do sexo é pouco significativa, pois estamos perante cursos de Ciências Sociais com uma forte representação de sub população feminina e na licenciatura de Engenharia Informática com uma sub população masculina proporcionalmente mais representada do que a feminina. No entanto, quer a idade, quer o sexo, podem ajudar a operacionalizar os conceitos de classe, origem social, trajectória social e escolar e o tipo de quadros de interacção escolar, assim como as suas principais características.

Para além dos dados e das informações recolhidas das variáveis que permitem caracterizar objectivamente os estudantes, existem outros que se relacionam, por exemplo, com os motivos e as razões subjectivas, na escolha efectuada pelo conjunto de inquiridos sobre a sua presente trajectória universitária. Eles são importantes e indispensáveis para a clarificação de conceitos tais como: representações sociais, trajectórias e práticas sociais. Estas variáveis indicam o tipo de escolhas realizadas, o modo como se classificam, a si próprios, e aos cursos que estão a concluir, as pertenças nos vários círculos e meios sociais, os

canais que influenciam e facilitam a formação de opiniões, entre outros aspectos da realidade nacional e escolar. Todos eles referem-se a aspectos que caracterizam o "mundo social e escolar". Isto ajuda não só à auto construção de determinadas representações sobre a sociedade e a escola, por parte dos inquiridos, mas também permite que se possa interpretá-las, assim como os comportamentos e as práticas sociais a elas associadas. As práticas sociais são a demonstração de uma capacidade reflexiva dos agentes exactamente porque se associam às representações sociais que eles elaboram da realidade social e escolar. Há uma tendência estratégica para uma correspondência entre as manifestações das disposições sociais e as representações que os agentes sociais fazem dos espaços onde se movimentam. A coerência entre as práticas sociais e as representações que elas transportam têm importância para os processos interactivos, quer em relação ao agente, quer em relação aos outros. Há uma tendência para uma conexão entre as práticas e as teorias implícitas que estão incluídas nas representações que cada um e todos constroem do mundo onde vivem. Elas acabam por ser uma justificação à lógica e ao sentido subjacente às práticas sociais de cada um dos agentes sociais. Não é por acaso que há um sentido prático das práticas sociais dos agentes no espaço social. Ora no campo universitário o sentido lógico e prático das práticas sociais dos estudantes são ainda mais claros, sobretudo quanto aos aspectos que estão directamente relacionados com as actividades escolares.

Esta subjectividade está incorporada nos quadros mentais e estes tornam-se inteligíveis pela consciência prática (5) ou o habitus (6) dos estudantes. Estes quadros de percepções e de disposições são apercebidos também pelas capacidades discursivas, isto é, pela comunicação que desenvolvem na interacção com os colegas ou professores. Na comunicação e nas práticas sociais os estudantes trazem consigo a história do seu pequeno, mas complexo, trajecto social. Mas também das famílias donde são originários. E dos meios sociais onde nasceram e permaneceram ou nos espaços por onde, com maior ou menor transitoriedade, passaram. Estas visões sobre o mundo e a realidade que os rodeiam não só é importante para o tipo de interacção que produzem, mas também para o trabalho pedagógico que realizam. Quanto mais amplos forem os seus horizontes e conhecimentos, melhor é a sua integração e êxitos escolares. Pois a natureza do trabalho escolar, o conhecimento científico, tem uma raiz universal.

A ênfase que se dá ao carácter subjectivo das práticas e trajectórias sociais não implica que se abandone a perspectiva objectiva, isto é, a importância das determinações estruturais que, não determinando os processos sociais, delimitam as possibilidades das suas realizações. Somente as pesquisas parcelares é que nos podem fornecer os efeitos recíprocos entre os protagonistas e as estruturas, de modo a entender se são as primeiras que determinam as segundas ou vice-versa. Quaisquer que sejam o tipo e a natureza das determinações estruturais é sempre importante atender aos enviesamentos e aos efeitos perversos, não controláveis, destes sobre os protagonistas e como eles ao se aperceberem os ultrapassam, através das soluções possíveis no quadro estrutural onde se localizam.

Embora já se tenha referido, volta-se a acentuar que o objecto desta investigação são os quadros de representações sociais construídos pela amostra de estudantes dos cursos de Sociologia, Antropologia, Comunicação Social e Engenharia Informática da Universidade Nova de Lisboa, que se manifestam em específicas estratégias e práticas sociais neste campo universitário. Os dados que são apresentados foram recolhidos de um questionário, que tem sido aplicado a vários cursos e escolas (7). Eles correspondem a uma pequena parte do mesmo. Noutros estudos (8) têm já sido abordadas outras informações retiradas do mesmo inquérito.

Esta pesquisa não é conclusiva. A sua ambição é levantar algumas questões a partir da análise sociológica que se vai elaborar. Estas são contributos para se continuar a construir novos projectos sobre esta temática, cada vez mais alargados, de modo a conhecer melhor a realidade global do campo universitário português.

2 - OS CONCEITOS UTILIZADOS NESTA PESQUISA

Os conceitos fundamentais desta pesquisa são a origem social de classe dos inquiridos e as representações sociais que eles constroem sobre a escola, a trajectória escolar (presente e futura), mas também sobre a sociedade portuguesa.

Quando se aborda o conceito de representações sociais, tornam-se indispensáveis a referência a outras duas noções necessárias para a sua definição: as estratégias e as práticas sociais. Sem estas duas noções as representações sociais não têm sentido sociológico.

A caracterização de classe dos estudantes é muito ambígua e complexa em virtude de estarem numa situação de transitoriedade. Dificilmente se podem considerar que eles pertencem à situação de classe dos pais, em virtude das características do tipo de trajectória social e escolar por eles realizado. Por outro lado, ainda não completaram os seus estudos, nem estão inseridos no mundo do trabalho. Isto é, não estão integrados em nenhuma categoria sócio profissional. Deste modo não existem critérios objectivos que se possam utilizar para definir com rigor as suas situações de classe. O mesmo não se passa em relação aos critérios subjectivos para a sua caracterização de classe. Já estão, porém em condições de possuir, e de explicitar um certo pensamento de classe sobre as suas futuras e previsíveis situações de classe, pois a maioria dos estudantes projectam-se para determinadas profissões e situações ou profissões semelhantes aquelas em que se inserem a maioria dos licenciados pela universidade. Embora neste facto, a classificação dos estudantes e a sua distribuição por uma determinada tipologia das classes e fracções de classes continua a suscitar dificuldades. Também devido à ausência de processos interactivos realizados por eles no interior da presente estrutura das classes sociais e respectivas fracções de classes, os estudantes não possuem ainda todas as situações de copresença

necessária para se poderem auto definir (na totalidade das dimensões) em termos de classe, a partir dos critérios que utilizam para classificar os outros, quer distinguindo-se deles, quer considerando-os seus pares. Logo as classificações que efectuam sobre determinadas escalas sociais são feitas na maioria dos casos, em função do conhecimento que retem da situação de classe dos respectivos agregados familiares. Mas não só, pois nas projecções sobre o futuro profissional e social que enunciam, a partir de previsões que manifestam, que correspondem às suas realidades escolares e sociais presentes, os estudantes evidenciam certos valores, desejos e razões que os podem incluir em termos não muito rigorosos, em certas situações de classe.

→ Deste modo, a maneira mais adequada de resolver e ultrapassar estes problemas teórico-metodológicos ^{gralho} é analisar as suas origens sociais de classe, remetendo-os para o interior dos seus grupos domésticos, e relacioná-las com as trajectórias sociais dos estudantes passados, presentes e futuros. Desta forma ^{gralho} é possível encontrar algumas dimensões do conceito de classe que facilitam a classificação e inserção das famílias e estudantes num quadro tipológico previamente construído. Este quadro apresenta as principais classes e fracções de classes existentes nas sociedades contemporâneas. Ele tem sido referido nas principais correntes teóricas da Sociologia actual (9). O plano metodológico e técnico que presidiu à construção das classes e fracções de classes e da tipologia não é referido neste texto, pois opta-se por utilizar o mesmo tipo de quadro definido e utilizado por outra pesquisa (10). A opção em manter a gralha tipológica das classes e fracções de classes, teve por finalidade, verificar as suas potencialidades descritivas e interpretativas. É evidente que este modelo não é definitivo pois as transformações observadas e observadas ^{gralho} na estrutura social e escolar promovem a necessidade de se operarem mudanças nos critérios e factores que estão na base da construção da tipologia aqui proposta.

Mas para se definir sociologicamente o conceito de origem social de classe é importante distingui-lo de um outro conceito denominado pertença de classe. Por vezes eles surgem misturados e sobrepostos o que torna ambíguo o resultado de muitas análises sociológicas.

Quer a origem social de classe, quer a pertença de classe são conceitos que se tornam inteligíveis se relacionados às dimensões tempo e espaço. Ambas se referem às classes sociais e respectivas situações de classe num dado momento da história de uma determinada região ou formação social. Embora a origem social de classe remeta para o presente quando se pretende averiguar a caracterização social de um ou de todos os agentes sociais, de facto, nela estão englobados um conjunto de informações que dizem respeito à situação de classe que foi produzida e reproduzida ao longo do tempo pelos agregados familiares onde eles nasceram. É a imagem no presente de uma trajectória social que decorre desde o nascimento até ao período que está na base do estudo. Se a origem social de classe é construída a partir de um conjunto de indicadores, tais como, a profissão, a situação na profissão, o nível de instrução, etc, do pai e da mãe, qualquer destas

variáveis no tempo transformará o sentido sociológico do conceito, em termos do lugar, na escala de classe para o qual ele remete. O mesmo se passará se o agregado mudar de país ou de continente. A pertença de classe, pelo contrário, é a "fotografia" da classe que adquire uma forma no momento presente. Ela pode ou não variar no tempo e no espaço. Depende da especificidade de cada uma das trajectórias sociais e da própria variabilidade da estrutura de classes ou da composição interna de uma delas. A mudança que se verifica nas trajectórias sociais pode ser o resultado de uma mobilidade social, durante a vida, de um lugar de classe para outro lugar de classe ou pura e simplesmente a alterações no interior da mesma classe, ao passar de uma fracção de classe para uma outra.

Mas ambas referem-se às classes sociais. Estas não devem ser conceptualizadas somente no plano abstracto, mas também no concreto. São constituídas por determinados lugares que são preenchidos pelos agentes sociais que estão numa determinada situação na classe. Situação na classe e lugar de classe devem ter equivalências, isto é, a uma situação na classe corresponde um lugar de classe.

Quando as classes sociais são conceptualizadas como amplos conjuntos de agentes sociais, elas são analisadas numa perspectiva dinâmica onde se articulam tempos sociais múltiplos, quer em ritmo, quer em duração, e espaços sociais de diferentes extensões.

Qualquer que seja o período de tempo ligado à origem social de classe ela é sempre uma referência e está incorporado no agente social. No entanto é preferível ter em conta o carácter pouco mutável da origem social, principalmente em determinadas fracções de certas classes sociais. Em casos de grandes mudanças nas dimensões da origem social no período em que o agente permanece dependente do grupo doméstico é importante considerar estas transformações e os seus efeitos, por exemplo, no seu percurso escolar. A origem social é uma referência quando se pesquisa o trajecto social e escolar de um estudante porque ela é um dos factores que decisivamente contribui para as estruturar, mas nunca ^{se} determina univocamente. Mas é também um estado, uma qualidade para toda a vida social, variando a sua influência, de classe para classe social. Este estado ou qualidade é muitas vezes transposto para as práticas ou disposições sociais que estão na base da constituição das trajectórias sociais.

Em ambas o próprio conceito de classe suscita outros problemas teórico-metodológicos mais abrangentes. Estes articulam-se com a não distinção conceptual entre "classes reais" e "classes sobre o papel" (11). A significação sociológica de um lugar de classe real não é o mesmo do que um lugar de classe sobre o papel.

Como é que se constroem as classes sociais no seu sentido lógico? É com base no conhecimento sobre a realidade social. A partir dele é possível "recortar as classes sociais em sentido lógico, quer dizer o conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes ao estarem colocados em condições

semelhantes, têm toda a oportunidade de ter disposições e interesses semelhantes e, portanto produzir práticas e tomadas de posições semelhantes" (12). Assim, as classes mais não são do que classes sobre o papel. As primeiras (classes reais) existem na realidade, as segundas (classes sobre o papel) são um recorte daquela que o cientista efectua a partir de critérios pré estabelecidos. Na maioria das correntes sociológicas, a unidade de base para a construção das classes sociais são as famílias (13).

Assim para definir sociologicamente as classes sociais é necessário conhecer as condições sociais objectivas e subjectivas que determinam a sua existência, isto é, as condições que permitem que os seus agentes, em situações de classe semelhantes, partilham, interesses comuns e disposições em agir de modos semelhantes. Mas é também pertinente estudar as posições sociais que estão distribuídos pelo espaço e campos sociais e relacioná-las com a origem social dos agentes que as ocupam. As condições sociais implicam a formação de determinadas situações sociais, e estas fazem surgir posições sociais cujas características distinguem-se de outras mais valorizadas ou desvalorizadas. Deste modo para a caracterização das posições sociais nas classes sociais e nos campos sociais ^{São importantes} ~~é importante~~ as classificações ^{que} ~~que~~ os agentes efectuam reciprocamente nos processos interactivos que se realizam na vida quotidiana. Porque o reconhecimento que fazem aos seus pares e a distinção que acentuam a outros possibilitam que aquelas posições sociais sejam homologadas em determinados campos. Mas a equivalência destas em todos os campos sociais não é uniforme, nem se actualizam de um modo mecânico e automático. Portanto, os processos de homologação não são os mesmos em todos os campos. Se qualquer agente pertence na sua vida social a vários campos sociais, o seu trajecto social pode reflectir ou não uma consistência e congruência das várias posições que assumem nos diferentes campos sociais. A maior ou menor ^{que} ~~que~~ influenciam as disposições e práticas sociais. Quer um estado, quer o outro é atribuído pelos agentes sociais com quem interagem. Uns valorizam-nos num campo, mas são desvalorizados noutros. O ponto de partida desta avaliação recíproca são as redes de posições sociais assumidas pelos agentes sociais em confronto.

Ora a escola e, em particular a universidade são instrumentos estratégicos e privilegiados de promoção social (14), principalmente para os membros das classes mais desfavorecidas. Mas a transformação de uma posição social para outra não é automática. Nem a escola é o único e exclusivo canal que proporciona a mobilidade social. Alguns estudos (15) já demonstraram que ela pode favorecer ou dificultar a mobilidade social. Por vezes, "tudo se passa como se boa parte dos sucessos escolares dos filhos dessas classes fossem reabsorvidos por um processo cada vez mais acentuado da desvalorização dos diplomas, assim se conservando o sistema global de diferenças e distâncias sociais" (16).

De qualquer modo, a escola, por intermédio dos seus diplomas cria condições mais favoráveis para a aquisição, conservação e reconversão de certas posições sociais. É evidente

que aqueles não são os únicos indicadores para a constituição daquelas. Também é verdade que o auto posicionamento em diferentes escalas sociais, mais as classificações que mutuamente fazem nos processos de interacção, mais os dados objectivos, são indicadores necessários para caracterizar as posições sociais e a partir delas estabelecer uma determinada hierarquia social parcelar e, talvez global.

Não sendo muito aconselhável só caracterizar socialmente os estudantes universitários pela pertença de classe, a única alternativa correcta é fazê-lo a partir do conceito de origem social de classe associando-o às trajectórias sociais presentes e futuras. As razões para tal opção já foram abordadas, mas é pertinente repetir: ainda são jovens e além disso não desempenham nenhuma profissão, (a grande maioria) nem auferem um rendimento económico permanente. A separação do respectivo grupo doméstico ainda não se realizou totalmente, embora em termos de representações sociais sobre o seu futuro possam referir contornos caracterizadores de classe (objectivos, subjectivos e simbólicos) diferentes das situações de classe dos pais. Porém, não têm ainda um forte pensamento de classe, nem um habitus de classe (17) completamente formado. Lutam por determinados interesses objectivados, nas suas virtuais trajectórias sociais e que são partilhados pelos membros de certas classes sociais. Mas, muito ainda se encontra em forma latente. Por isso as disposições ainda não são manifestadas por práticas sociais globalmente comuns aos membros de uma classe social.

A não realização de acções de classe não implica que os estudantes não assumem determinadas práticas sociais. Elas estão incluídas e produzem os seus próprios quadros interactivos, dentro e fora da escola. Mas elas são compreensíveis no quadro das estratégias formuladas, principalmente nos grupos domésticos, cujos membros se empenham na sua concretização. Este empenhamento não traduz a existência de um plano racionalmente construído nas famílias e partilhado conscientemente por cada um dos seus membros, pondo-o em prática para atingir determinados fins, utilizando, por isso, certos instrumentos considerados os mais eficazes.

Pela reconstituição das estratégias (particulares e colectivas) é possível ler nelas as lógicas que lhes estão subjacentes. O importante é evitar a sua interpretação em termos normativos e finalistas. Mas isto não pode conduzir ao erro, de se transpor para planos meta sociais as razões que os levaram a produzir determinadas estratégias sociais. As estratégias são transportadas para a realidade, através das práticas sociais e outras manifestações, concretizadas por cada um e por todos os agentes, neste caso, os estudantes. Pela análise que se efectuar a estas realizações práticas verificam-se que todas demonstram a existência de competências reflexivas apreendidas, quer pelo efeito de estrutura, quer pelos processos de socialização. São saberes práticos, incluídos em teorias implícitas, incorporadas pelos estudantes, que explicitadas pelas práticas e estratégias sociais possibilitam observar determinados controles práticos das práticas por parte de cada um deles. Dito de outro modo, os estudantes têm capacidade de elaborar representações sobre a

escola e suas actividades que ao serem interpretadas podem conduzir à descrição dos seus desejos, motivos e razões sobre o processo de escolarização. Logo é possível reflectir, não só sobre as aspirações que manifestam, mas que não realizam, mas também sobre aquelas que foram e são concretizadas. É preciso seguidamente procurar os factores que permitiram a realização de umas e, a impossibilidade, as resistências e os bloqueios que encontraram para finalizarem as restantes. A desocultação destes factores criam, as condições para entender a força, o vigor de algumas crenças e descrenças ligadas à escola e à universidade.

Se as estratégias sociais são diversas e se esta diversidade se nota entre os membros de diferentes classes sociais é porque existem limitações estruturais para uns e o reforço de posições na estrutura, para outros. As facilidades e as impossibilidades perante determinados factores estruturais conduzem a formular a relação analítica entre os recursos disponíveis e acumulados nas famílias e a utilização destes nas várias instituições sociais. A existência diferencial de recursos de vária ordem nos grupos domésticos criam as condições objectivas e subjectivas para um maior ou menor êxito no percurso escolar. Ao referir recursos não significa que se está exclusivamente a sublinhar os de ordem económica. A força do capital económico nuns campos sociais, pode ser substituído, noutros, pela imprescindibilidade do capital cultural e escolar. E a tendência de uma reconversão do primeiro capital para segundo ou terceiro, não pode ser transformado numa "lei universal". Sabe-se da importância da herança cultural para o sucesso social e escolar daqueles que pertencem a famílias com um forte capital cultural. Este existe em famílias com tradições que podem não usufruir de idêntico volume de rendimento económico, embora estas duas categorias não sejam totalmente comparáveis, nem incompatíveis. Dito por outras palavras, o dinheiro não é o exclusivo instrumento para a aquisição de valores, conhecimentos e disposições perante a cultura nacional e universal. A cultura é neste texto, concebida como uma dimensão histórica. Como tal, transporta os estudantes para épocas temporalmente esparsas e espacialmente afastadas dos locais e dos tempos em que os seus múltiplos elementos são sentidos, apercebidos e percebidos.

Mas os recursos não são os únicos e suficientes meios utilizados pelos membros das famílias para a produção de uma trajectória de acordo com as suas aspirações e desejos. As estratégias e correspondentes práticas sociais dependem também do conhecimento e da experiência acumulada e partilhada nos grupos domésticos. No caso presente, a maior ou menor facilidade no trajecto escolar é função do maior ou menor conhecimento das regras, dos mecanismos e das sanções utilizadas pela instituição escolar. Mas as regras, os mecanismos e as sanções escolares são de dois tipos analiticamente diferentes: uns são institucionalizados, normativos e por isso devem ser aceites, cumpridos por todos os protagonistas do processo escolar; os outros são informais e por isso produto dos quadros de interacção escolar constituídos dentro e fora da aula. Deste modo este conhecimento só é possível através de um empenhamento, de uma ligação estreita e forte com a escola. Como? Pelo acompanhamento constante e continuado da evolução escolar dos filhos. Pelo

contacto regular com os professores e colegas. Pela presença nas actividades, cerimónias e rituais escolares. Pelos conselhos, avisos, alertas, previsões que estabelecem sobre o futuro escolar. Pela escolha dos livros a comprar. Pelas visitas culturais a realizar. E pela utilização na família de um código linguístico semelhante ao da escola. Em resumo, por uma aproximação real ao universo escolar, possível, pela experiência escolar acumulada que é sempre reversível e reflexiva.

A proximidade ou o afastamento da escola e do sistema escolar reflectem-se nas representações sociais que os membros dos grupos domésticos manifestam em relação ao universo académico. Estes podem ser tipificados, pela reconstituição das lógicas e teorias implícitas nelas subjacentes, que as sustentam e dão corpo. Um exemplo magnífico sobre o tema, representações sociais, pode ser encontrado na elaboração de determinados perfis de aquisição de capitais escolares e das crenças que daí resultam, pela pesquisa sobre as razões que determinam a escolha dos cursos universitários em função da origem de classe dos grupos domésticos. A homogeneidade ou diversidade destas razões fazem transportar para a escola, comuns ou diferentes percepções sobre as funções e fins da universidade. Em particular e, principalmente na crença ou descrença no valor real do capital escolar para a futura trajectória social e sócio-profissional.

A elaboração e reflexão do conceito "representação social" é possível pela importância que é atribuída à análise "dos modos de pensamento e sistema de elaboração do real e da sua articulação com as práticas sociais" (18). Por outro lado, torna-se fundamental conhecer as condições de produção, transformação e difusão das representações sociais que permitem que elas apareçam como elementos estruturados que se mantêm, isto é, que se perservam ao longo do tempo e em diferentes espaços. Isto significa que as leituras que os grupos domésticos e respectivos filhos, em idade escolar, fazem sobre a escola e o sistema escolar e que variam segundo as classes e fracções de classe, são transportadas e incorporadas nas estratégias, que, por sua vez, se tornam inteligíveis pelas práticas sociais dos estudantes.

A possibilidade de entendimento das diferentes lógicas e teorias implícitas, subjacentes às representações sociais ganham forma, exactamente porque elas resultam das práticas e actividades correntes de todos os grupos sociais e, dos seus respectivos processos de interacção na e fora da escola. Deste modo os estudantes e familiares são produtores e reprodutores dos principais elementos que seleccionam da realidade escolar e que fundamentam a constituição das respectivas representações sociais sobre o sistema educativo. Este poder selectivo é o resultado da capacidade reflexiva dos estudantes e respectivos familiares. Mas uma capacidade, cujos limites se encontram nos horizontes que se estruturam de acordo com os critérios de classificação e de avaliação que produzem e que aprendem a elaborar nos processos interactivos da escola. Estes horizontes generalizam ou não os processos interactivos. Tornam-nos intensos ou efémeros. Por outras palavras, os estudantes podem só interagir com alguns. Estes podem variar em número. Normalmente há afinidades sociais e culturais, isto é, pertenças às mesmas classes sociais e grupos

de status. Mas não é regra. Tudo depende das circunstâncias e das finalidades subjacentes às estratégias e práticas sociais dos estudantes.

Através da leitura das representações sociais é possível verificar, pelas práticas sociais, os princípios orientadores que cada estudante, e respectiva família, produzem e que decisivamente os põe em prática no seu trajecto escolar. É evidente que aqueles princípios se alteram de acordo com as especificidades de cada processo escolar, de encontros e influências dos colegas, professores e amigos. Mas também existem outros elementos que colaboram na sua estruturação: a naturalidade, a localização da residência, da escola primária e secundária, a natureza e o tamanho das turmas, a caracterização social das turmas, etc. Em síntese, são os elementos estruturais e subjectivos, que estão na base da construção das representações sociais, que geram aqueles princípios orientadores fundamentais para o controlo prático das práticas sociais dos estudantes em todas as suas trajectórias escolares, mas nomeadamente na universidade.

3. INDICADORES SOCIAIS, GEOGRÁFICOS E ESCOLARES ESTRUTURADORES DE DETERMINADAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VIDA UNIVERSITÁRIA

Os dados apresentados não foram tratados de um modo profundo de um ponto de vista técnico estatístico. O propósito é analisar as frequências em cada uma das variáveis seleccionadas para este estudo. Em pesquisas posteriores se for caso disso, serão efectuados determinados cruzamentos entre algumas variáveis, para entender o sentido da relação e da sua variação. Por outro lado, os dados, como já foi referido, foram recolhidos de um questionário que foi respondido por uma amostra de alunos do 1º e 4º anos dos cursos de Sociologia, Comunicação Social e Antropologia e alunos do 1º ano da licenciatura em Engenharia Informática. Todos estes cursos são ministrados na Universidade Nova de Lisboa, embora não na mesma faculdade.

A simplicidade da apresentação dos dados e a ausência de um tratamento estatístico rigoroso obriga a produzir comentários essencialmente descritivos e sociográficos. A sua utilidade e interesse científico mantêm-se. Ao elaborar tal afirmação não implica que se esteja a negar o interesse da interpretação dos resultados obtidos. Mesmo neste estudo serão formulados interrogações e assinalados algumas interpretações, teoricamente enquadradas, sobre os resultados conseguidos da análise que se efectuou sobre o conjunto da informação trabalhada.

No questionário existem mais de trezentas variáveis. Não sendo possível analisá-las todas, optou-se por fazer uma selecção entre aquelea que, para a presente investigação surgem como fundamentais. Do conjunto das condições objectivas que contribuem para a construção das representações sociais sobre a escola, o curso, o trajecto escolar, o futuro profissional, etc., salientam-se as variáveis que possibilitam caracterizar socialmente este grupo de estudantes. Entre elas acentuam-se a

origem social de classe do grupo doméstico, a naturalidade e residência dos pais e os seus níveis de escolaridade, a naturalidade e residência dos inquiridos e os níveis de escolaridade dos irmãos e amigos.

a) A origem social dos estudantes

A estrutura tripartida básica das classes sociais que foi utilizada no estudo "Famílias, Estudantes e Universidade" (19) é aqui mantida com todas as vantagens resultantes, quer da análise dos seus resultados, quer da possibilidade de continuar a testar a sua operacionalidade. Todo o processo de construção de classes sociais, assim como das respectivas tipologias, resulta de um enquadramento teórico, que salienta "uma matriz de dimensões básicas do conceito", incluindo-se nela "tanto as propriedades objectivadas como as propriedades incorporadas, num espaço social com três dimensões predominantes (volume das diversas formas de capital, respectivas estruturas e trajectória social)" (20) (...).

É a seguinte a tipologia constituída: (21)

Tabela 1 - Tipologia das classes e fracções de classe

Burguesia (B)	Burguesia Empresarial e Proletária (BEP)
	Burguesia Dirigente e Profissional (BDP)
Pequena Burguesia (PB)	Pequena Burg.Técnica e de Enquadramento (PBTE)
	Pequena Burguesia de Execução (PBE)
	Pequena Burguesia Proprietária (PBPR)
	Campesinato (C)
	Campesinato Parcial (CP)
	Peq.Burg.Assalariada e Proprietária (PBAP)
	Pequena Burguesia Parcial (PBP)
Operariado (O)	Operariado Industrial (OI)
	Operariado Agrícola (OA)
	Operariado Parcial (OP)
	Operariado Industrial e Agrícola (OIA)

Nesta tipologia tripartida apresentam-se as três principais classes sociais que existem nas sociedades

contemporâneas. Ao analisar em pormenor a composição interna de cada uma delas observa-se que se teve o cuidado de adequá-las à realidade portuguesa.

A sociedade portuguesa é ainda marcada por um sector primário amplo e com características particulares e por um sector secundário onde predominam as pequenas e médias empresas. Daqui resulta uma forte segmentação na pequena burguesia, onde se conciliam as fracções da pequena burguesia tradicional com as fracções da nova pequena burguesia. Quer quanto às primeiras, quer quanto às segundas teve-se o cuidado de articular as situações dos campos e das cidades. No entanto "a pequena burguesia tradicional" é predominante nas vilas, aldeias e nas produções agrícolas cultivadas nas pequenas propriedades de carácter mais tradicional e familiar, onde ainda se utilizam métodos e processos antigos. É evidente que algumas das fracções de classe deste sector mais tradicional também se encontram nas zonas urbanas. Nestas localizam-se no comércio, nos sectores mais baixos do funcionalismo público e em sectores dos serviços mais tradicionais e que não sofreram grandes alterações. A "nova pequena burguesia" é um fenómeno essencialmente urbano e marcante nos seus principais aglomerados. Estruturam-se em torno de uma maior divisão técnica do trabalho. Surgem em maior número nos sectores secundário e terciário de ponta. É no sector da pequena burguesia técnica e de enquadramento que aparecem os diplomados pela escola universitária.

Nos meios populares, também se notam uma segmentação, menos elevada que na pequena burguesia, mas mais forte que na burguesia. Os eixos, em torno da qual a segmentação se dá, são os que se relacionam com a pluriactividade e pluri rendimento existente nas fracções operárias da indústria e parcial, em particular, a que labora no norte e no interior do país (22).

O quadro (Quadro I) apresentado sobre a origem dos estudantes inquiridos revela a composição social de cada um dos cursos incluídos nesta pesquisa. Por isso, não faz parte do objecto deste estudo responder ao problema da probabilidade condicional do acesso dos estudantes à universidade segundo a sua origem social, isto é, comparar diferentes probabilidades de entrada dos representantes, na escola, de cada uma das classes e fracções de classe existente na estrutura de classe na sociedade portuguesa dos anos 80. Pela pesquisa (23) já referida anteriormente pode-se verificar que as probabilidades de acesso à universidade, dos estudantes originários das classes operária e das suas diversas fracções, assim como de muitas fracções mais baixas da pequena burguesia, mas também de outros grupos sociais cujos lugares de classe são contraditórios (sobretudo nos meios populares) são extremamente reduzidas, em comparação com a dimensão que elas apresentam no interior da estrutura de classe deste país. Ao contrário, quer a burguesia, quer as fracções mais elevadas da pequena burguesia, em particular, a pequena burguesia técnica e de enquadramento estão melhor colocadas "nesta corrida" para o acesso ao ensino superior. As elevadas percentagens que se verificam na composição interna desta amostra, dos estudantes originários da burguesia e da pequena burguesia fortemente escolarizada é um sinal de uma constatação sobre as funções

Quadro I
Classe dos grupos domésticos de origem dos estudantes das licenciaturas em estudo

LICENCIATURAS CLASSES E FRACÇÕES DE CLASSE		SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA		TOTAL		
		N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	
BURGUESIA	BEP	9	11.1	8	12.7	7	14.9	1	5	25	11.8	
	BDP	3	3.7	7	11.1	2	4.3	2	10	14	6.8	
	TOTAL	12	14.8	15	23.8	9	19.2	3	15	39	18.4	
PEQUENA BURGUESIA	PBTE	23	28.4	13	20.6	15	31.9	12	60	63	30.0	
	PBE	12	14.8	9	14.3	6	12.8	--	--	27	12.8	
	PBPR	9	11.1	9	14.3	1	2.1	2	10	21	10.0	
	C	--	--	--	--	2	4.3	--	--	2	.9	
	CP	3	3.7	--	--	--	--	--	--	3	1.4	
	PBP	2	2.6	1	1.6	5	10.6	--	--	8	3.8	
	PBAP	6	7.6	2	3.2	--	--	1	5	9	4.3	
	TOTAL	55	68.0	34	54.0	29	61.7	15	75	133	63.2	
	OPERARIA- DO	OI	13	16.0	9	14.3	4	8.5	2	10	28	13.3
		OA	1	1.2	1	1.6	--	--	--	--	2	.9
OP/OIA		--	--	4	6.3	5	10.6	--	--	9	4.2	
TOTAL		14	17.2	14	22.2	9	19.1	2	10	39	18.4	
TOTAL		81	100.0	63	100.0	47	100.0	20	100.0	211	100.0	

selectivas e discricionárias da escola que tem sido objecto de várias problemáticas e que visam encontrar os principais factores explicativos para uma tal situação (24). Não é esta a altura para resumir as principais contribuições teóricas que têm sido construídas para explicar e interpretar este fenómeno. A sua complexidade é evidenciada perante o conjunto de razões e efeitos que ele produz nas sociedades contemporâneas, sobretudo pelas dificuldades encontradas pela escola em corresponder aos ideais liberais e democráticos da maioria dos países do mundo ocidental, cujas elites acreditam na capacidade da instituição escolar em alterar profundamente a estrutura social de cada país, tornando-a mais móvel e democrática. Mas por outro lado, os principais factores explicativos explicitados sobre este fenómeno, cujo consenso teórico é inexistente, são ainda insuficientes. Este estudo pode criar condições para redimensionar este problema sociológico, ao enunciar uma nova problemática, enquadrada numa perspectiva teórica significativamente diferente das que têm sido elaboradas. Em futuros artigos, tais propósitos serão concretizados.

Sobre esta composição social muitos aspectos podem ser objecto de reflexão. Porém o centro da atenção desta análise é a composição social dos estudantes observada a partir de dois ângulos complementares. Um deles é a sua visão global e o segundo a sua visão parcelar segundo cada uma das licenciaturas. A articulação entre elas é feita a partir de um conjunto de interrogações que se enunciam a propósito deste tipo de composição social e dos seus efeitos na produção de vários quadros de interacção existente na universidade. É evidente que estes se concretizam dentro e fora das salas de aulas, com e sem professores e entre colegas e amigos que estudam nestas ou noutras faculdades.

Nesta amostra surgem estudantes de todas as origens sociais. Em percentagens globais verificam-se uma forte representação da pequena burguesia com cerca de 63%. Quer o operariado, quer a burguesia aparecem com uma mesma percentagem: cerca de 15%. Analisando em pormenor cada uma das fracções de classe de todas as classes sociais existentes nesta estrutura tripartida verifica-se:

1. Na burguesia, uma maior representação dos filhos da burguesia empresarial e proprietária;

2. Na pequena burguesia uma forte representação dos estudantes, cujos pais pertencem à Pequena Burguesia Técnica e ao Enquadramento, quase metade do total desta classe social. Em seguida observa-se um relativo peso dos filhos das fracções da Pequena Burguesia de Execução e Proprietária, onde provavelmente se incluem os largos sectores tradicionais que atravessam esta classe social. Um dos aspectos mais interessantes é a verificação de uma mínima proporção dos estudantes oriundos das fracções desta classe ligados aos sectores de actividades rurais. Quer os filhos do Campesinato, quer os do Campesinato Parcial estão muito pouco representados na estrutura escolar. As restantes fracções de classe da pequena burguesia praticamente não contribuem com efectivos para esta classe. As suas percentagens são reduzidas;

3. No Operariado nota-se uma representação elevada dos filhos do Operariado Industrial, relativamente à menor representação dos filhos do Operariado Agrícola e Parcial. Mais uma vez verifica-se uma propensão muito reduzida das fracções de classe do Operariado, directa e indirectamente ligados ao campo, em procurar matricular-se na Universidade;

4. Em resumo salientam-se as percentagens elevadas dos estudantes originários da Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento e dos estudantes cujos pais se localizam na Burguesia Empresarial e Proprietária e no Operariado Industrial. É de notar também as percentagens da Pequena Burguesia de Execução e da Pequena Burguesia Proprietária, cujos valores se aproximam das suas últimas fracções de classe referidas anteriormente.

Ao debruçar sobre a distribuição das classes e fracções de classe por cada uma das licenciaturas consideradas nesta pesquisa verificam-se:

1. A existência em todas as licenciaturas de contingentes de alunos de todas as origens sociais, desde a Burguesia até ao Operariado, embora em percentagens desiguais;

2. No curso de Engenharia Informática encontram-se o menor número de estudantes desta amostra. Do conjunto destes 20 alunos notam-se que eles estão desigualmente representados. A grande maioria concentra-se na Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento (mais de metade do seu total). Quer o Operariado, quer a Burguesia estão representados em número muito reduzido. Embora o total seja muito pequeno é curioso sublinhar a associação muito estreita entre a acumulação de capital escolar e técnico, no interior dos grupos domésticos e a maior probabilidade dos filhos desta fracção de classe serem orientados para um curso que apela a uma familiaridade com o conhecimento e com um código linguístico especializado. Estão ausentes os filhos oriundos do Campesinato e do Campesinato Parcial. Porquê?

3. Das restantes licenciaturas aquelas que contém um número mais elevado de alunos é a Sociologia. No entanto é curioso enunciar algumas linhas mestras que se podem retirar da distribuição desta sub amostra pelas diferentes classes e fracções de classe.

A Burguesia está melhor representada no curso de Comunicação Social e dentro desta classe quase, igualmente distribuídas, entre as duas fracções de classe. Em seguida, vem a Antropologia e só, depois a Sociologia, onde se apresentam os valores percentuais menos elevados. Quais as razões de uma diferente distribuição dos filhos, cujos pais pertencem a estas classes, nos três cursos aqui considerados?

4. Na Pequena Burguesia o quadro surge com uma forma cujas linhas atravessam quase de igual modo os três cursos. Das várias fracções de classe, a Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento é aquela que aparece com um número mais elevado de

estudantes. Em Sociologia e Antropologia as percentagens desta fracção aproximam-se, ao contrário do que se verifica na Comunicação Social. Neste último curso, a Pequena Burguesia de Execução e Proprietária evidenciam uma igual percentagem que em conjunto ultrapassam a primeira fracção de classe da Pequena Burguesia. A Pequena Burguesia de Execução também está bem representada quer em Sociologia, quer em Antropologia (em termos percentuais). Em qualquer destes cursos o Campesinato e o Campesinato Parcial praticamente não estão representados.

5. No Operariado e na sua fracção industrial é que se localizam a maior percentagem dos grupos domésticos, cujos filhos se encontram matriculados em Sociologia e Comunicação Social. Em Antropologia verifica-se uma percentagem maior de estudantes cujos pais pertencem ao Operariado Parcial e Agrícola. Porquê? Será devido a uma maior proximidade e aprofundamento, do universo conceptual antropológico, relativamente a temas rurais portugueses? Será efeito de conjugação entre a especificidade da estrutura social portuguesa, com uma elevada percentagem do sector primário e a tradição da antropologia portuguesa que praticamente não abordou, nem estudou temas urbanos? Estão, por isso, criadas as condições objectivas e subjectivas para um acesso e um sucesso maior, em Antropologia, para alunos vindos do campo? Que outras razões?

Reverendo as considerações já escritas observam-se a grande percentagem da Pequena Burguesia em todos os cursos, com as variações já apontadas. Por outro lado, a ausência mais significativa das várias fracções de classe, cuja génese e desenvolvimento se relacionam com as actividades rurais, é uma outra nota que se deve sublinhar. Também ressaltam as percentagens semelhantes entre o Operariado e a Burguesia. Não há dúvida que a escola e a universidade proporcionam que, determinadas trajectórias individuais consigam com êxito concluir um curso superior e obter um diploma mais valorizado. Não é pela existência destes factos singulares que a instituição escolar mantém uma elevada "cotação" nas sociedades actuais? Estes factos não contribuem para uma elevada crença das fracções de classe dos meios populares e da pequena burguesia, nas finalidades do sistema escolar? Mas estas fracções são aquelas cujos seus membros residem nos centros urbanos, há pelo menos uma geração. Não há dúvidas que a localização geográfica da universidade numa cidade, e a sua maior associação com as culturas de raízes urbanas, com todos os instrumentos para a sua produção, entre os quais se destacam o código linguístico, os temas, os exemplos, as expressões e respectiva avaliação positiva, tem como efeito a desvalorização, desconhecimento ou simplesmente a ausência das situações campestres, que ressaltam, sobretudo, dos processos interactivos que se desenrolam na universidade. Não será fundamental equacionar a relação entre os valores culturais urbanos, os valores propriamente escolares universitários e os processos de socialização (na família, escola e através dos efeitos das estruturas produzidas e reproduzidas nos locais onde nasceram e residiram até se matricularem na universidade)? Não será interessante procurarem-se as razões de uma sobrevalorização de certos universos culturais em relação a outros e dos efeitos e resultados de tais situações nos protagonistas

cujas famílias e classes estão tradicionalmente mais afastadas da escola? Este círculo vicioso não será mantido pelos próprios professores, elementos essenciais, na orientação escolar e nos processos de aquisição de teorias implícitas subjacentes às representações sociais sobre as funções e finalidades do sistema escolar? Estas funções orientadoras e produtoras de crenças e descrenças sobre a escola não incidem fundamentalmente sobre os alunos de origens sociais mais baixas? A falta de recursos escolares (sobretudo simbólicos e culturais) dos estudantes socialmente mais desfavorecidos, que não os encontram nos seus grupos domésticos, não são acentuados pelos valores ontológicos fortemente centrados na categoria sócio profissional dos professores? Mas estes valores sublimadamente ego centrados dos professores, não são produto de uma raiz cultural essencialmente urbana e não fazem parte da génese e desenvolvimento da instituição escolar? Não são eles transmitidos aos alunos e adquiridos por estes durante a sua trajectória escolar? Não passam, por estes aspectos, os principais mecanismos estruturadores de uma reprodução que se encobre na escola e a ela se atribui como se fosse uma unidade descontextualizada, no tempo e no espaço?

b) Naturalidade e residência das famílias

Porquê a importância atribuída a estes indicadores de índole geográfico? A origem geográfica (25) e a residência contribuem decisivamente para a estruturação das trajectórias sociais e escolares em Portugal. Com a dispersão das universidades e institutos politécnicos pelas diversas regiões do país, de certo modo, atenuam a obrigatoriedade dos estudantes que concluem o ano terminal do ensino secundário, nessas regiões, de se deslocarem para os tradicionais centros universitários podendo, continuar os seus estudos superiores nas regiões onde nasceram e sempre residiram. Sabe-se que tais relações não são tão lineares. Outros factores intervêm nelas o que transformam em imprevisíveis os destinos escolares destes alunos. O preenchimento dos lugares por estudantes vindos de outros pontos do país, a inexistência das licenciaturas que querem seguir, os desejos em abandonar as regiões onde sempre viveram, a incerteza da associação posto de trabalho - diploma, em particular naquelas localidades próximas da universidade ou instituto, a problemática contribuição do binómio universidade - regionalização para o desenvolvimento económico daquelas zonas, são algumas das razões, que obrigam a redimensionar os efeitos da origem geográfica e da residência na estrutura das trajectórias escolares. Também é importante sublinhar que naquelas universidades e institutos a quantidade e o tipo de cursos são limitados, principalmente aqueles que mais directamente se relacionam com as realidades das regiões circunvizinhas. Logo, às restrições anteriormente apontadas, acrescenta-se outra que é o quadro de possibilidades reduzidas (em termos de variedade de cursos), para o prosseguimento dos estudos, naqueles institutos e universidades a funcionar nas regiões onde nasceram e residiram, para os estudantes locais que têm desejos de frequentar e concluir outros cursos ali inexistentes. Assim não só estes são os limites reconhecidos pelos estudantes em idade escolar, que ali vivem,

como também aqueles se alargam, pois o alcance daqueles centros universitários é abranger o universo estudantil do país.

Deste modo, o quadro de opções escolares para os estudantes que terminam o ensino secundário é duplo: ficar nas regiões ou dirigirem-se para outros centros universitários dispersos pelo país e regiões autónomas. Ao adicionar a esta situação os custos (económicos, sociais, culturais e simbólicos) e a incerteza de compensações equivalentes, isto é, a uma troca recíproca de perdas e ganhos neste jogo complexo, a origem geográfica e as residências desempenham um papel estruturador da orientação escolar, e do, prosseguimento ou não dos estudos no ensino superior. São, por isso, dados essenciais para a compreensão das lógicas subjacentes às estratégias sociais produzidas e reproduzidas nas famílias e às representações sociais das crenças e descrenças, das possibilidades e impossibilidades de um percurso universitário prolongado.

A partir da leitura comparativa destes dois quadros (II e III) que indicam as informações recolhidas sobre a naturalidade dos pais e filhos é possível encarar com mais rigor o reflexo dos efeitos deste indicador no acesso destes estudantes à universidade, assim como na estruturação das representações sociais sobre a escola, suas actividades e outros aspectos da vida social, mas também nas lógicas subjacentes às estratégias sociais dos grupos domésticos.

A principal observação recai sobre um fluxo de mobilidade geográfica quando se comparam as percentagens de pais, naturais de várias regiões e sub regiões, com as percentagens dos filhos. Se cerca de 24,4% de pais já nasceram nos distritos de Lisboa e Setúbal, perto de metade, (nos cursos de Antropologia e Engenharia Informática) e mais de metade (em cursos de Sociologia e Comunicação Social) dos filhos tem a sua naturalidade circunscrita a estes mesmos dois distritos. Subjacente a esta análise surge uma outra relativa às estratégias sociais de uma parte destes grupos domésticos, em particular, àqueles que se dirigem para a cidade de Lisboa e concelhos limítrofes, mas também àqueles que encontram residência no distrito de Setúbal. Qual o significado deste processo de mobilidade?

Através de uma perspectiva histórica, o fenómeno de atracção exercida pela cidade de Lisboa e Setúbal advém dos anos cinquenta e sessenta, décadas correspondentes a um maior crescimento económico, com a proliferação das zonas industriais adajcentes à cidade de Lisboa e Setúbal. Este surto económico e, nomeadamente ligado ao sector secundário promove a abertura de um maior número de postos de trabalho, factor essencial para compreender os fluxos populacionais de determinadas zonas do país para a região de Lisboa. Paralelamente a este processo, um outro fez sair do país uma percentagem elevada de população que buscam uma melhoria das condições de existência, em países europeus, tais como a França, Alemanha Federal, Suíça, Luxemburgo, Bélgica e outros.

Com certeza que não foi a partir de um plano racional que todos aqueles que procuraram trabalho e residência na região

Quadro II
Naturalidade do pai e da mãe dos estudantes segundo as licenciaturas

LICENCIATURAS		SOCIOLOGIA				COMUNICAÇÃO SOCIAL				ANTROPOLOGIA				ENGENHARIA INFORMÁTICA				TOTAL	
		PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE			
REGIÃO	SUB REGIÃO	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
NORTE	LITORAL	7	9.0	2	2.4	5	8.2	4	6.3	1	2.2	5	10.6	-	-	1	5.0	25	6.0
	INTERIOR	3	3.8	5	6.0	4	6.6	1	1.6	-	-	1	2.1	-	-	-	-	14	3.4
	TOTAL	10	12.8	7	8.4	9	14.8	5	7.9	1	2.2	6	12.7	-	-	1	5.0	39	9.4
CENTRO	LITORAL	4	5.1	5	6.0	9	14.8	10	15.9	6	13.3	6	12.8	2	11.8	2	10.0	44	10.6
	INTERIOR	6	7.7	8	9.6	6	9.8	5	7.9	11	24.5	7	14.9	4	23.5	6	30.0	53	12.8
CENTRO NORTE	TOTAL	10	12.8	13	15.6	15	24.6	15	23.8	17	37.8	13	27.7	6	35.3	8	40.0	97	23.4
LISBOA	LITORAL	20	25.6	25	30.1	14	22.9	17	27.0	10	22.2	8	17.0	3	17.6	4	20.0	101	24.4
	INTERIOR	5	6.4	5	6.0	6	9.8	5	8.0	6	13.4	6	12.8	1	5.9	1	5.0	35	8.5
CENTRO SUL	TOTAL	25	32.0	30	36.1	20	32.7	22	35.0	16	35.6	14	29.8	4	23.5	5	25.0	136	32.9
SUL	LITORAL	5	6.4	5	6.0	4	6.6	4	6.3	3	6.7	3	6.4	1	5.9	1	5.0	26	6.3
	INTERIOR	16	20.6	16	19.3	5	8.2	9	14.3	2	4.4	4	8.5	4	23.5	2	10.0	58	14.0
	TOTAL	21	26.9	21	25.3	9	14.8	13	20.6	5	11.1	7	14.9	5	29.4	3	15.0	84	20.3
ILHAS		3	4.0	4	5.0	3	4.9	3	4.8	1	2.2	2	4.3	-	-	1	5.0	17	4.1
FORA DO PAÍS		9	11.5	8	9.6	5	8.2	5	7.9	5	11.1	5	10.6	2	11.8	2	10.0	41	9.9
TOTAL		78	100.0	83	100.0	61	100.0	63	100.0	45	100.0	47	100.0	17	100.0	20	100.0	414	100.0

Quadro III
Naturalidade dos estudantes segundo as licenciaturas

LICENCIATURAS		SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA		TOTAL	
NATURALIDADE											
REGIÃO	SUB REGIÃO	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
NORTE	LITORAL	-	-	1	1.6	2	4.3	1	5.0	4	1.9
	INTERIOR	2	2.5	-	-	-	-	-	-	2	1.0
	TOTAL	2	2.5	1	1.6	2	4.3	1	5.0	6	2.9
CENTRO	LITORAL	2	2.5	3	4.8	1	2.1	1	5.0	7	3.3
	INTERIOR	3	3.8	1	1.6	2	4.3	2	10.0	8	3.8
	TOTAL	5	6.3	4	6.4	3	6.4	3	15.0	15	7.1
LISBOA	LITORAL	44	55.0	36	57.1	23	48.9	7	35.0	110	52.4
	INTERIOR	3	3.7	3	4.8	5	10.6	1	5.0	12	5.7
	TOTAL	47	58.7	39	61.9	28	59.5	8	40.0	122	58.1
SUL	LITORAL	2	2.5	1	1.6	3	6.4	1	5.0	7.7	3.3
	INTERIOR	6	7.5	2	3.2	1	2.1	1	5.0	10	4.8
	TOTAL	8	10.0	3	4.8	4	8.5	2	10.0	17	8.1
ILHAS		4	5.0	4	6.3	2	4.3	-	-	10	4.8
FORA DO PAÍS		14	17.5	12	19.0	8	17.0	6	30.0	40	19.0
TOTAL		80	100.0	63	100.0	47	100.0	20	100.0	210	100.0

Quadro IV
Residência dos pais segundo as licenciaturas dos filhos

LICENCIATURAS RESIDÊNCIA		SOCIOLOGIA				COMUNICAÇÃO SOCIAL				ANTROPOLOGIA				ENGENHARIA INFORMÁTICA				TOTAL	
		PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE			
REGIÃO	SUB REGIÃO	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
NORTE	LITORAL	2	2.5	2	2.5	2	3.1	2	3.2	2	4.3	2	4.3	2	10.5	2	10.5	16	38
	INTERIOR	2	2.5	2	2.5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1.0
	TOTAL	4	5.0	4	5.0	2	3.1	2	3.2	2	4.3	2	4.3	2	10.5	2	10.5	20	4.8
CENTRO NORTE CENTRO	LITORAL	3	3.6	2	2.5	5	7.8	4	6.5	2	4.3	2	4.3	2	10.5	2	10.5	22	5.2
	INTERIOR	1	1.2	1	1.2	1	1.6	1	1.6	2	4.3	2	4.3	1	5.3	1	5.3	10	2.4
	TOTAL	4	4.8	3	3.7	6	9.4	5	8.1	4	8.6	4	8.6	3	15.8	3	15.8	32	7.6
LISBOA CENTRO SUL	LITORAL	49	59.0	50	61.7	42	65.5	48	71.0	31	67.4	33	71.7	12	63.7	12	63.1	273	65.0
	INTERIOR	5	6.0	5	6.2	4	6.3	4	6.5	4	8.7	3	6.5	-	-	-	-	25	6.0
	TOTAL	54	65.0	55	67.9	46	71.8	52	77.5	35	76.1	36	78.2	12	63.7	12	63.1	298	71.0
SUL	LITORAL	3	3.6	4	4.9	-	-	2	3.2	2	4.3	2	4.3	1	5.3	1	5.3	15	3.6
	INTERIOR	6	7.2	5	6.2	1	1.6	1	1.6	1	2.2	1	2.2	1	5.3	1	5.3	17	4.0
	TOTAL	9	10.8	9	11.1	1	1.6	3	4.8	3	6.5	3	6.5	2	10.6	2	10.6	32	7.6
ILHAS		5	6.0	4	4.9	4	6.3	3	4.8	-	-	-	-	-	-	-	-	16	3.8
FORA DO PAÍS		7	8.4	6	7.4	5	7.8	1	1.6	2	4.5	1	2.4	-	-	-	-	22	5.2
TOTAL		83	100.0	81	100.0	64	100.0	62	100.0	46	100.0	46	100.0	19	100.0	19	100.0	420	100.0

de Lisboa e Setúbal, julgaram que tais acções contribuiriam, mais tarde, em maiores probabilidades, para um acesso à universidade resultado de uma escolaridade prolongada. No entanto, os efeitos destes fluxos migratórios, não totalmente controlados pelos membros dos grupos domésticos que concretizaram, prefiguram estratégias, cujas leituras permitem observar que os filhos nascidos nestas zonas conseguem maiores e melhores condições objectivas e subjectivas para realizarem, com êxito, um percurso escolar extenso. A maior proximidade ou mesmo total inserção permanente na cidade de Lisboa desencadeiam processos socializadores, que conjugados com outros efeitos estruturais, permitem uma aprendizagem de valores, percepções e disposições urbanas mais adequadas à instituição escolar. Estes efeitos e seus resultados são mais notórios nas classes e fracções de classe que praticamente não têm nenhum conhecimento escolar acumulado pelos processos académicos das gerações anteriores. Certamente que estudantes, cujos pais nasceram e permaneceram em regiões mais afastadas deste complexo universitário, não se encontram tão bem colocados para um acesso com sucesso na trajectória universitária. Para isso têm que dispor de muitos recursos, sobretudo de ordem simbólica e cultural para acreditarem e realizarem os projectos escolares, em particular aqueles que se relacionam com os cursos a funcionar nestas faculdades da Universidade Nova de Lisboa.

Quadro V
Residência dos estudantes, durante o período escolar,
segundo os cursos

LICENCIATURAS RESIDÊNCIA EM PERÍODO ESCOLAR	SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
LISBOA/SETÚBAL	78	94.0	62	96.9	44	91.7	20	100.0	204	94.9
RESTO DO PAÍS	85	6.0	2	3.1	4	8.3	-	-	11	5.1
TOTAL	83	100.0	64	100.0	48	100.0	20	100.0	215	100.0

Para completar a reflexão sobre os indicadores geográficos, é fundamental articular a naturalidade com a residência dos pais e filhos, de modo a compreender a importância destes, quer na produção das estratégias sociais, quer na elaboração das representações sociais sobre a escola, as actividades escolares e a vida social.

As informações que se retiram da comparação entre as residências dos pais e dos filhos, reafirmam a importância da relação entre a permanência contínua em Lisboa, concelhos limítrofes e distrito de Setúbal e a confirmação do acesso à universidade, na produção de determinadas e específicas práticas sociais. Os sentidos e as lógicas destas não se aproximam daquelas que se manifestam na realidade urbana? Que efeitos têm esta associação, na produção de determinadas representações sociais? Não só se verificam uma forte concentração das residências dos estudantes, em período escolar, nos distritos de Lisboa e Setúbal, mas também uma elevada percentagem de estudantes a sublinhar o carácter permanente da estada nestes dois distritos. A situação anterior é certificada pelas elevadas proporções das residências dos pais na sub região de Lisboa e centro sul que atingem, quer para o pai, quer para a mãe, percentagens superiores a 50% em todos os cursos.

c) Níveis de escolaridade dos pais, irmãos e amigos

Outra dimensão objectiva seleccionada neste estudo foram os níveis de escolaridade dos membros dos grupos domésticos (pai, mãe e irmãos), assim como, de dois amigos escolhidos pelos inquiridos.

Esta variável é objectiva porque permite traçar os limites do tipo da trajectória (escolar) efectuada pelos alunos, quer quanto às opções curriculares, quer quanto às possibilidades de entrada nas faculdades, quer quanto ao seu maior ou menor êxito académico. Um facto inquestionável é o contributo decisivo que o capital escolar, concentrado nas famílias, dá a estes alunos para poderem prolongar os seus estudos. É preciso reafirmar que a existência ou não de capital escolar, em particular o título académico nos grupos domésticos, é uma das condições necessárias e suficientes, para probabilidades maiores de entrada nas universidades. Não é a única, nem a exclusiva. Isto é, não determina univocamente, mas facilita, o acesso à universidade.

Mas o mais importante a considerar são as condições proporcionadas, por um capital escolar presente e partilhado pelos membros dos grupos domésticos nas formulações de estratégias orientadoras, fundamentais para uma escolaridade prolongada. Através de um maior conhecimento sobre o sistema escolar e, nomeadamente o universitário, as famílias estão melhor colocadas para definir o que não interessa. Após esta clarificação é possível dirigir e mobilizar todos os recursos necessários para a concretização, com êxito, de um trajecto escolar universitário. O alvo é a obtenção de um diploma. Ele gratifica todo o investimento realizado. Ele certifica o percurso

escolar efectuado. Ele confirma o fortalecimento de um poder, quer para a família que já o detinha, quer para as outras onde ele surge pela primeira vez.

Para entender estas estratégias sociais, que exprimem interesses e aspirações, é necessário analisar as práticas sociais. Estas práticas são típicas e, muitas vezes manifestam-se em bloco. Dependem das situações escolares e condições sociais das famílias e não unicamente da pré existência de um qualquer capital escolar. Típicas se as relacionarmos com as estratégias sociais, constantemente elaborada e reelaboradas.

Um dos aspectos típicos das práticas sociais percebem-se pela escolha das licenciaturas. O quadro de opções é limitado. Um dos elementos que estruturam essas limitações são a quantidade de capital escolar existente nas famílias. Mas também as suas características ou os seus perfis, condicionam-nas, orientando-as.

Também é possível analisar formas típicas dos alunos se manifestarem na universidade, através dos quadros de interacção produzidos por eles. Neles encontram-se, pela palavra, pelos gestos e mesmo pela escrita, percepções, disposições e formas de agir comum, naqueles alunos, cujas famílias já adquiriram um diploma universitário. Eles são os alunos que provavelmente conseguem uma integração social mais fecunda na universidade. Estabelecem as regras do jogo nas interacções escolares. Estão mais familiarizados com os mecanismos existentes no campo universitário. Deslocam-se e manifestam-se com certa "à vontade" na escola e sobretudo nas salas de aula. Isto não significa que a integração social na universidade seja automática, perfeita e consistente. Outros factores intervêm nela e tornam-na, por vezes, tensa e conflituosa.

O que importa sublinhar é a maior facilidade de que dispõe estes alunos para uma melhor integração na escola. Como é que ela se realiza? Através de práticas sociais produzidas por eles, fruto de uma aprendizagem nas famílias e da experiência activa que vão adquirindo com a permanência na universidade. Pela aprendizagem familiar apercebem-se melhor, do que os outros, dos meandros, dos esquemas, dos mecanismos mais ocultos. Avaliam com mais rigor o sistema universitário. O que facilita a produção de uma forte crença no êxito escolar. Mas esta crença, não é mecanicamente transponível para outras, relacionadas com as funções e fins do sistema escolar e universitário. Uma e outras devem ser analiticamente distintas.

E quanto aos processos de interacção produzidos pelos alunos, na e fora das salas de aula? Como se colocam os estudantes mais familiarizados com as actividades especificamente universitárias? Para além de interferirem e estabelecerem as principais regras do jogo, estão em condições de seleccionar os agentes com quem pretendem interagir nos processos de interacção? Pelos processos avaliadores elegem alguns colegas? Os seus pares, regra geral, possuem os mesmos "trunfos", manifestam as mesmas capacidades reflexivas no campo universitário? E o que acontece aos alunos cujos grupos domésticos denotam uma ausência de

capital escolar universitário? De que modo eles se integram na universidade? A presença ou ausência de um diploma universitário não condiciona a estruturação de determinados e diferentes quadros de valores e representações sociais sobre a vida académica? Que efeito podem elas desencadear nas futuras trajectórias sociais e profissionais? A instituição universitária pelos seus mecanismos particulares consegue reforçar uma homogenização dos valores e representações sociais já trazida do percurso escolar anterior? Durante o ensino básico e secundário, o sistema escolar consegue vulgarizar e incorporar nos alunos os valores escolares dominantes?

E o que afirmar dos efeitos resultantes das interacções desencadeadas durante as actividades pedagógicas, dentro e fora das aulas? Não são elas marcantes e estruturadoras de outros processos de interacções que se desenrolam após a prática lectiva? É de grande importância repensar os efeitos das trocas que se processam durante as aulas, nas outras actividades académicas, principalmente naquelas onde se evidenciam as manifestações de amizade, solidariedade, tensões, conflitos e lutas. Mas também nas projecções que cada um e todos elaboram sobre o previsível e o incerto futuro percurso social. Mas também no tipo de crenças e descrenças que se cristalizam ou se esfumam. Mas também nos mitos e nas trocas implícitas que se constroem ou se destroem. Em suma, julga-se fundamental articular as interacções geradas pelas práticas pedagógicas, fora e dentro do contexto da avaliação e do exame, com as representações sociais de todos os estudantes, sobre as funções e finalidades da universidade e, como é que aqueles se podem projectar no futuro.

A não explicitação das relações entre os diversos processos interactivos e as representações sociais, com a origem social de classe, não significa que tais associações estejam afastadas destas perspectivas. O que se pretende ressaltar é a não univocidade do termo de relação entre a origem social e os processos interactivos e a interacção desta associação com o tipo de representações sociais que são formalizadas pelos estudantes. Os processos escolares não são menos unissonantes, nem dissonantes. A atribuição unívoca à origem social de classe como único factor explicativo e interpretativo de tudo que se desprende das práticas sociais da escola é aqui substituído por uma visão multipolar e multidimensional. Na sequência desta lógica a origem social de classe é uma das variáveis que estruturam e limitam, em conjunto com outras dimensões, os processos interactivos, as suas representações e os efeitos destas nas estratégias e práticas sociais presentes e futuras.

Estas considerações genéricas decorrem da análise dos dados e informações recolhidas dos inquéritos. A exposição dos quadros de resultados ressaltam as ideias já formuladas e permite, não só sublinhá-las, mas surgir novas pistas de reflexão.

Comparando os quadros VI e VII confirmam-se, mesmo supondo-se que alguns dos filhos ainda não completaram os estudos, tendências de uma mobilidade educativa. Os níveis de escolaridade mais baixos são superiores nos pais e os mais

elevados são inferiores nos pais, mesmo considerando que alguns dos filhos, ainda não completaram os cursos superiores e outros não conseguiram entrar na universidade.

Fazendo uma análise mais detalhada de cada quadro, torna-se possível enunciar algumas características interessantes. No quadro dos níveis de escolaridade dos pais notam-se:

1. Uma forte concentração no nível de instrução, do primário sobretudo entre as mães, à excepção dos cursos de Comunicação Social e Engenharia Informática.

2. Percentagens significativas dos níveis de escolaridade superiores, mais sensíveis entre os pais. Curiosamente estes aproximam-se às das mães, nos cursos de Sociologia e são praticamente idênticos em Engenharia Informática.

3. Para comprovar a concentração de capital escolar nas famílias destes estudantes universitários, dicotomizam-se, esta hierarquia de níveis de escolaridade, em dois campos distintos.

O primeiro é formado pelos pais que não frequentaram a escola ou cursando aulas só atingiram o ensino secundário unificado. O segundo é constituído pelo ensino secundário complementar, ensino médio e superior. O que distingue o primeiro do segundo? O aspecto principal são os valores atribuídos aos diplomas escolares. No primeiro eles ou não existem ou estão actualmente desvalorizados. No segundo os títulos escolares possuem valores diferentes, sendo os mais baixos os do ensino secundário complementar, seguidos os do ensino médio e terminando nos diplomas do ensino superior que se mantêm com uma cotação ainda bastante valorizada.

No primeiro conjunto encontram-se cerca de 57% dos pais (a sub população das mães está significativamente mais representada). No segundo cerca de 47% (a sub população dos pais está sobre representada). O mais curioso é verificar no segundo campo, uma quantidade mais acentuada de pais com uma titularidade superior.

4. Em conclusão fica evidenciado a importância dos títulos universitários acumulados nos grupos domésticos que proporcionam aos respectivos filhos uma maior facilidade de entrada na universidade, uma melhor integração social e um maior poder exercido nos processos interactivos dentro e fora da escola.

Quadro VI
Níveis de escolaridade dos pais segundo os cursos

LICENCIATURAS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	SOCIOLOGIA				COMUNICAÇÃO SOCIAL				ANTROPOLOGIA				ENGENHARIA INFORMÁTICA				TOTAL	
	PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE		PAI		MÃE			
	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
	NÃO SABE LER NEM ESCREVER	2	2.5	1	1.2	-	-	3	4.8	2	4.3	2	4.2	-	-	4	23.6	14
SABE LER E ESCREVER	4	5.0	8	9.9	1	1.5	2	3.7	-	-	2	4.2	-	-	-	-	17	4.1
ENSINO BÁSICO PRIMÁRIO	26	32.5	34	42.0	19	19.7	26	14.2	17	31.1	10	34.0	2	1.0	-	-	134	32.1
ENSINO BÁSICO PREPARATÓRIO	10	12.5	5	6.7	9	14.1	2	3.2	2	4.3	6	12.8	-	-	-	-	34	8.2
ENSINO SECUNDÁRIO UNIFICADO	12	15.0	7	8.6	6	9.4	4	6.5	1	2.2	6	12.8	1	5.0	1	5.4	38	9.1
ENSINO SECUNDÁRIO COMPLEMENTAR	8	10.0	8	9.9	7	10.9	10	16.1	7	15.2	6	12.8	6	30.0	3	17.6	55	13.2
ENSINO MÉDIO	4	5.0	7	8.6	5	7.8	6	9.7	7	15.2	6	12.8	3	15.0	2	10.8	46	11.0
ENSINO SUPERIOR	14	17.5	11	13.6	17	26.6	9	14.5	10	21.7	3	6.4	8	40.0	7	41.1	79	18.9
TOTAL	80	100.0	81	100.0	64	100.0	62	100.0	46	100.0	47	100.0	20	100.0	17	100.0	417	100.0

Quadro VII
Níveis de escolaridade dos irmãos segundo os cursos

LICENCIATURAS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	SOCIOLOGIA				COMUNICAÇÃO SOCIAL				ANTROPOLOGIA				ENGENHARIA INFORMÁTICA				TOTAL	
	IRMÃO I		IRMÃO II		IRMÃO I		IRMÃO II		IRMÃO I		IRMÃO II		IRMÃO I		IRMÃO II			
	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
	NÃO SABE LER NEM ESCREVER	1	1.5	-	-	-	-	1	3.6	1	2.4	-	-	-	-	-	-	3
SABE LER E ESCREVER	1	1.5	1	3.1	-	-	1	3.6	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1.1
ENSINO BÁSICO PRIMÁRIO	2	2.1	3	9.4	2	3.8	2	7.1	1	2.4	2	9.5	1	5.0	2	22.2	15	5.6
ENSINO BÁSICO PREPARATÓRIO	3	4.6	1	3.1	7	13.2	1	3.6	1	2.4	1	4.8	1	5.0	-	-	15	5.6
ENSINO SECUNDÁRIO UNIFICADO	14	21.6	8	25.0	8	15.1	3	10.7	6	14.2	5	23.8	4	20.8	1	11.1	49	18.1
ENSINO SECUNDÁRIO COMPLEMENTAR	12	18.5	8	25.0	14	26.4	12	42.8	8	19.0	7	33.3	3	15.0	3	33.4	67	24.8
ENSINO MÉDIO	10	15.4	7	4.9	6	11.3	3	10.7	2	4.8	2	9.5	-	-	1	11.1	31	11.5
ENSINO SUPERIOR	22	33.8	4	12.5	16	30.2	5	17.9	23	54.8	4	19.1	11	55.0	2	22.2	87	32.2
TOTAL	65	100.0	32	100.0	53	100.0	28	100.0	42	100.0	21	100.0	20	100.0	9	100.0	270	100.0

Quadro VIII

LICENCIATURAS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	SOCIOLOGIA				COMUNICAÇÃO SOCIAL				ANTROPOLOGIA				ENGENHARIA INFORMÁTICA				TOTAL	
	AMIGO I		AMIGO II		AMIGO I		AMIGO II		AMIGO I		AMIGO II		AMIGO I		AMIGO II			
	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
NÃO SABE LER NEM ESCREVER	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SABE LER E ESCREVER	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ENSINO BÁSICO PRIMÁRIO	1	1.2	1	1.2	1	1.7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0.7
ENSINO BÁSICO PREPARATÓRIO	1	1.2	2	2.5	-	-	4	6.3	1	2.1	-	-	-	-	-	-	8	1.9
ENSINO SECUNDÁRIO UNIFICADO	7	8.5	9	11.3	4	6.7	3	4.8	4	8.5	3	6.4	-	-	-	-	30	7.2
ENSINO SECUNDÁRIO COMPLEMENTAR	25	30.6	20	25.0	11	18.3	14	22.2	8	17.0	14	29.8	5	26.3	8	5.0	105	25.4
ENSINO MÉDIO	6	7.3	6	7.5	5	8.3	8	12.7	3	6.4	5	10.6	1	5.3	1	6.3	35	8.5
ENSINO SUPERIOR	42	51.2	42	52.5	39	65.0	34	54.0	31	66.0	25	52.2	13	68.4	7	43.4	233	56.3
TOTAL	82	100.0	86	100.0	60	100.0	63	100.0	47	100.0	47	100.0	14	100.0	16	100.0	414	100.0

Nos quadros que afloram os níveis de escolaridade dos irmãos e amigos, as informações que deles se podem retirar, reforçam as análises anteriores. Quanto aos irmãos, (quer em relação ao mais velho, quer em relação ao mais novo) a maioria mantêm-se na escola e configuram uma escolaridade prolongada. Cerca de 32% concluíram ou frequentaram uma licenciatura no ensino superior, enquanto que 25% estão matriculados no ensino secundário complementar, sendo, por isso, futuros potenciais estudantes do ensino universitário. Deste modo, reafirmam-se o carácter estruturador dos efeitos de um capital escolar, partilhado nas famílias. Um dos efeitos principais é a criação das condições objectivas para uma escolaridade tendencialmente mais prolongada, e uma maior capacidade reflexiva sobre as particularidades do sistema escolar, nomeadamente as do seu patamar, a todos os estudantes com tais predicados.

A reflexão sobre os níveis de escolaridade dos amigos consente emitir certas objecções sobre o carácter estruturador, de uma dada escolaridade, nos processos interactivos fundamentais, nas relações de amizade consequentes e consecutivas num dia a dia, especialmente marcado por acções e práticas sociais rotineiras.

Os resultados apurados não deixam dúvidas sobre os elevados índices de uma escolaridade prolongada e de uma frequência, em percentagens muito elevadas, em cursos universitários. Uma curiosidade são as proporções significativas de amigos, entre os estudantes de Sociologia e de Engenharia Informática, que se encontram matriculados no ensino secundário complementar.

Deste modo, pode-se concluir que, neste caso, os estudantes escolheram os seus amigos, com uma característica essencial: mais de metade das relações de amizade são estabelecidas com estudantes ou amigos que concluíram um curso universitário. Assim, um dos laços fundamentais que cimentam as amizades e relações convivenciais entre estes estudantes universitários são o reconhecimento dos seus pares, que como eles, estão prestes a concluir um capital escolar que homologam estas relações. Porém o acto de confirmação destas não determinam a sua manutenção no tempo e espaço, isto é, elas podem esboroar-se e desaparecer ao longo das trajectórias sociais e profissionais.

No entanto, mantem-se a hipótese do carácter estruturante de níveis elevados de escolaridade, em particular, de um título universitário, nas relações de amizade, dos agentes que tenham concluído um curso superior. O diploma é um sinal distintivo e nesse sentido, gera as condições necessárias para uma comunicação mais eficaz, rentável e entendível entre todos que o alcançam e que se mantêm envolvidos nos vários tipos de encontros, sejam eles efémeros ou duradouros. Nos encontros duradouros, as relações estabelecidas pelos agentes licenciados em todas as situações, desde o trabalho, à política ou em simples ligações convivenciais, são mediatizados pelo diploma universitário. Este faz reviver a memória social, mas também é um indício de reconhecimento efectivo entre os agentes produtores e protagonistas de tais relações. As suas naturezas públicas (dos encontros) fazem acentuar a importância de tais títulos, sobretudo em determinados campos sociais, nomeadamente os campos científico, académico e político, entre outros. Mas também o carácter privado, mais co presente e singular dos elos familiares, e de amizade são marcados, estruturados e ligados pelo universo simbólico que o diploma académico transporta para elas, que lhe dão uma coerência, um sentido e uma chama que não interessa ser apagada.

O diploma como elemento estruturador dos vários tipos e naturezas de encontros, duradouros ou efémeros, e de outras relações sociais que ultrapassam os limites daquelas, não esgotam em si mesmo o seu carácter condicionante dos diversos quadros de interacção protagonizados pelos estudantes. Este estado característico do diploma reforça-se ao associar os princípios e propriedades estruturais nele inscritos à análise do tipo de licenciaturas acumuladas em cada grupo doméstico e respectivos amigos. Nesta amostra de estudantes notam-se uma forte semelhança entre as licenciaturas escolhidas pelos filhos e aquelas que foram concluídas pelos pais. O mesmo se verifica entre as opções realizadas por estes alunos e pelos amigos que elegeram. Os quadros seguintes apresentam dados que sublinham a referência de

um certo "efeito de contágio" académico entre os membros do grupo doméstico e dos amigos. Deste modo, surge como aspecto muito interessante averiguar os principais factores que desencadeiam este "efeito de contágio". Um dos aspectos que produzem estes efeitos não são os princípios e as propriedades estruturais das representações sociais sobre as licenciaturas configuradas em cada um dos grupos domésticos? Um outro aspecto revela-se pela "consciência prática" ("habitus") de cada um dos estudantes ao apreciar, ano após ano, as reais possibilidades de alcançar as diversas alternativas curriculares que lhes são apresentadas. Esta "consciência prática" (habitus) consolida-se a partir de um conjunto enorme de experiências positivas e negativas. Estas são activamente apreendidas. Aonde? No campo familiar e de acordo com todos os mecanismos de orientação produzidos na base dos desejos e a apreciação que os pais, irmãos e restantes familiares elaboram sobre o que mais convem o estudante seguir. No campo escolar segundo os êxitos e fracassos acumulados pelos estudantes e as orientações explícitas e implícitas fornecidas pelos professores aos pais que mais se empenham sobre o processo escolar dos filhos, que levam a reformar ou a acentuar as estratégias escolares fabricadas nas famílias. Importa sublinhar que em todo este processo complexo, todo o estudante participa activamente. O que se pretende referir são as condicionantes sociais e culturais que produzem os desejos e as vontades ou que as transformam nos desejos e vontades possíveis a serem concretizadas. Mesmo para aqueles alunos, cujos pais não participam nas reuniões informativas organizadas pelos órgãos pedagógicos das escolas e, por isso, não são directamente influenciados pelas orientações formuladas pelos professores.

Quadro IX
Cursos concluídos pelos pais segundo as licenciaturas frequentadas pelos filhos

LICENCIATURAS DOS FILHOS		SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA	TOTAL
LICENCIATURAS DOS PAIS						
PAI	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS CIÊNCIAS JURÍDICAS	10	7	4	4	25
	CURSOS DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS MÉDICAS	6	6	6	7	25
MÃE	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS CIÊNCIAS JURÍDICAS	9	6	2	5	22
	CURSO DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS JURÍDICAS	2	2	1	2	7
TOT		27	21	13	18	79

Através de uma leitura genérica sobre este quadro notam-se uma mais forte concentração de licenciados entre os pais do que entre as mães. Por outro lado, verificam-se um maior índice, de licenciados em cursos de Ciências Sociais e Humanas, Letras e Ciências Jurídicas, do que nos cursos de Engenharia e Tecnologia, Ciências Naturais e Ciências Médicas. Entre os pais esta diferença é nula, enquanto que nas mães, pelo contrário, a grande maioria têm acesso e concluíram o primeiro conjunto de cursos. Por isso, entre as mães, são mais marcantes o peso das licenciadas na área das "Humanidades e Letras", embora em Sociologia e Comunicação Social os pais licenciados nesta área tenham vantagem sobre os outros que se incluem na área dos cursos "Técnicos". Confirmando-se que a sub população feminina (26) predomina nas licenciaturas de Sociologia, Comunicação Social e Antropologia, pode tornar-se viável e sustentável o princípio de um empenhamento mais forte, por parte das mães, na função de orientação escolar, inscrita nas famílias, em relação às opções que os filhos realizam quando terminam o curso geral e se matriculam no curso complementar. Ao contrário, em Engenharia Informática, os pais parecem deter uma função mais orientadora nas opções escolares dos filhos, em virtude da sub população masculina estar mais representada nesta licenciatura. Perante este quadro, talvez não seja despropositado avançar com a hipótese de uma divisão sexual nas orientações escolares dada pelos pais ou pelas mães aos filhos e filhas que optam por escolher uma licenciatura de perfil mais "técnico" e outro de cariz mais "literário".

A comparação entre os quatro cursos proporcionam uma leitura complementar e adicional à anterior. Porém deve-se acrescentar que a relação entre estas licenciaturas não é rigorosa, em virtude das diferenças quantitativas entre cada uma das sub populações desta amostra. Ultrapassando esta questão podem-se enunciar a forte percentagem de licenciados entre os pais dos alunos matriculados em Engenharia Informática, o que revela a importância do capital escolar, como elemento estruturador no acesso a estes cursos a quem tenha maior familiaridade com o ensino superior. A linguagem codificada em termos técnicos precisos, a capacidade e raciocínio abstracionista são fundamentais para aqueles que optam por estas licenciaturas. Daí a necessidade de uma concentração nas famílias, de meios, de instrumentos e mecanismos linguísticos e de capacidade reflexiva, principalmente, nesta área do conhecimento. Elas tornam-se evidentes, quer pela aquisição deste capital escolar (específico) pelos pais, quer pela facilidade na partilha dos problemas e obstáculos encontrados pelos filhos no decurso da escolarização, e na descoberta de soluções para os ultrapassar, através, entre outras, de processos de compensação educativa e ou da renovação ou ampliação da biblioteca particular, da orientação das suas leituras, das assinaturas das revistas científicas, da atenção prestada aos programas de natureza científica emitidos pela televisão, etc.

Este quadro é uma ilustração do que anteriormente se referiu. Observam-se, sobretudo nos irmãos mais velhos (entre os dois irmãos apontados), uma incidência nas licenciaturas

Quadro X

Licenciaturas dos irmãos segundo as licenciaturas dos inquiridos

LICENCIATURAS DOS ESTUDANTES LICENCIATURA DOS IRMÃOS		SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA	TOTAL
		IRMÃOS I	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS CIÊNCIAS JURÍDICAS	15	14	12
CURSOS DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS MÉDICAS	7		3	9	7	26
IRMÃOS II	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS CIÊNCIAS JURÍDICAS	4	3	4	2	13
	CURSOS DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS MÉDICAS	5	2	1	1	9
TOTAL		31	22	26	13	92

correspondentes aquelas que estão a ser frequentadas pelos estudantes inquiridos. Assim, nos cursos de Sociologia, Comunicação Social e Antropologia, as licenciaturas de Ciências Sociais e Humanas, Letras e Ciências Jurídicas são frequentadas ou foram concluídas, em maior número, por ambos os irmãos. No mesmo sentido, notam-se em Engenharia Informática, uma maior percentagem de irmãos nas licenciaturas de Engenharia e Tecnologia, Ciências Naturais e Ciências Médicas. Quais os factores que estruturam esta situação marcada por um "efeito de contágio" académico? Para além das facilidades que encontram nos agregados familiares e que proporcionam um acesso a cada um destes conjuntos, não se deve contar com o "efeito de segurança" inscrito nas solidariedades entre todos (pais e irmãos) observáveis, no confronto com o mercado de trabalho, para com maior êxito, os filhos possam vencer a forte concorrência que ali se manifesta? Que papéis desempenham as representações sociais e as teorias e ideologias nelas implícitas, sobre as licenciaturas e os efeitos, daqueles diplomas, nas diversas trajetórias profissionais e sociais destes estudantes?

Quadro XI

Cursos superiores frequentados pelos amigos segundo as licenciaturas dos estudantes

LICENCIATURAS DOS ESTUDANTES		SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA	TOTAL
AMIGO I	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS E CIÊNCIAS JURÍDICAS	33	31	22	3	89
	CURSOS DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS MÉDICAS	7	5	5	9	26
AMIGO II	CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, LETRAS E CIÊNCIAS JURÍDICAS	33	28	17	0	78
	CURSO DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS E CIÊNCIAS MÉDICAS	9	8	5	7	29
TOTAL		82	72	49	19	222

A questão do efeito estruturador do processo de escolarização sobre as escolhas dos amigos torna-se extremamente clara ao reflectir sobre as informações que este quadro transmite. Nada resiste ao efeito de escolaridade, como o factor determinante na produção e reprodução das relações de amizade. Quais as razões que permitem interpretar com clareza esta situação?

A escola e, neste caso particular, a universidade, é um local privilegiado de encontros quotidianos, os estudantes permanecem durante cerca de nove meses por ano, em situações de co-presença. Elas repetem-se rotineira e inovadoramente durante o tempo de duração de um curso, se os alunos o completam, sem interrupções, nem reprovações. Deste modo, estão criadas as condições, para um confronto de ideias, percepções, visões, maneiras de estar e de sentir, de projectos, enfim, de interesse manifestamente semelhantes e diferentes, comuns e particulares.

Mas a escola e a universidade, para além de um ponto de encontro obrigatório, é um espaço de transição entre uma adolescência que se escolariza e uma idade adulta que se tem de inserir no mercado de trabalho. Assim, no campo universitário, os estudantes preparam-se mais ou menos consciente e empenhadamente, para que a inserção na vida profissional não se faça com grande turbulência e que ela seja, de facto, aquela que aspiraram alcançar. Ora os encontros universitários, de carácter duradouro, porque, por vezes, ultrapassam os muros da universidade, não são mais do que rituais que aprofundam essa preparação. Nelas entrecruzam múltiplas experiências e histórias sobre passados e presentes comuns e singulares. Nelas colhem e trocam informações, escutam experiências, relatam as dificuldades e os sucessos das trajectórias escolares e sociais, suscitam e afloram soluções e vias alternativas, firmam-se estratégias que defendem interesses, catalizam e rentabilizam esforços, promovem solidariedades, travam lutas, desenham consensos e aprofundam as diferenças, enfim, criam as condições de uma aproximação e de uma distinção entre aqueles que pertencem ao mesmo meio social ou defendem determinados interesses e entre aqueles que não transparecem nenhum tipo de afinidades sociais e culturais.

Enfrentar o mercado de trabalho é tarefa complicada. As interajudas entre colegas do mesmo ofício desencadeiam, talvez, melhores oportunidades de vencerem os problemas que encontram no acesso a uma determinada carreira profissional. Daí que se associam a colegas que frequentam os mesmos cursos e com eles desenvolvem relações de amizade. Reconhecem-se como pertencentes a um mesmo grupo, afirmam-se como pares e evidenciam ser portadores de um mesmo capital escolar e simbólico. Estes capitais traduzem determinados poderes que são utilizados pelos estudantes, em todos os campos sociais, tudo fazendo para que aqueles capitais sejam reconhecidos e valorizados. Mas é evidente que nem sempre conseguem obter uma valorização homóloga destes capitais em todos os campos sociais. Para ultrapassar estas dificuldades, há estudantes que desencadeiam processos de reconversão destes capitais, outros que fortalecem as suas capacidades e instrumentos de luta e favorecem uma melhor e mais fácil integração e posição social.

Mas estes processos não são lineares e não traduzem consensos nos quadros interactivos existentes no interior das universidades. Pelo contrário, as amizades surgem e reforçam-se através das tensões e conflitos de interesses, subjacentes nos projectos e aspirações dos estudantes. As alternativas e os recursos para as alcançar são escassos. Daí que seleccionam-nas de acordo com as capacidades e instrumentos incorporados nos seus grupos de amigos, de que eles são parte integrante. É na descoberta das reais possibilidades de enveredarem por uma via e negarem outras, de concentrarem esforços, para nela conseguirem entrar, que as relações de amizade se estabelecem e se solidificam. Isto não quer dizer que este tipo de relações societais perdurem ao longo de todo o trajecto social e profissional. Podem até terminar no final das licenciaturas. Tudo depende das situações e dos factores, suportes das relações de amizade. Alguns deles transformam-se e mudam de sinal. Elementos

residuais (como por exemplo, conflitos de interesses no acesso a mercado de trabalho) e, por isso secundários, mostram-se no final do percurso universitário princípios fundamentais, e, por isso, incompatíveis para a manutenção deste tipo de relações. Elas transparecem modos de sentir, pensar e de agir tão diferentes, isto é, estilos de vida tão diversos, interesses tão contraditórios que, as relações de amizade acabam por se desvanecerem e terminarem.

4. PERCEPÇÕES E DISPOSIÇÕES SOBRE OS CURSOS, TRAJECTOS E VALORES ESCOLARES

Após a reflexão sobre um número variável de indicadores objectivos que contribuem decisivamente para a estruturação dos quadros interactivos, das representações, estratégias e práticas sociais no campo universitário, cabe a vez de analisar uma série de variáveis culturais, que articuladamente com os primeiros, proporcionam uma visão mais clara e precisa do objecto de estudo desta pesquisa.

Este exame centrado sobre algumas variáveis, tem um carácter predominantemente problemático, o que o torna complexo e parcial. A parcialidade da escolha é observada pelo número restrito de variáveis seleccionadas. A parcialidade analítica é detectada pelo seu reduzido alcance, não só porque as variáveis escolhidas para sustentar as interpretações aqui sugeridas, são poucas, mas também pelo tipo de informações que delas se podem retirar que não possibilitam, senão, uma muito pequena aproximação a uma realidade rica e complexa. No entanto, essa aproximação, não só se torna possível, como se objectiva pela análise das variáveis culturais seleccionadas.

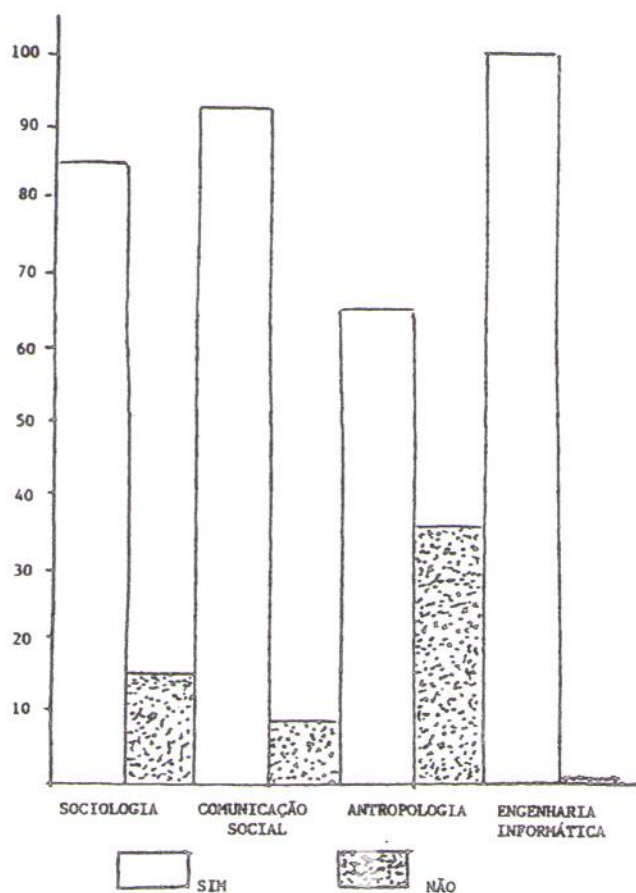
As variáveis escolhidas podem ser agrupadas em dois conjuntos distintos, mas complementares. O primeiro grupo de variáveis corresponde a informações relacionadas com as licenciaturas escolhidas pelos estudantes. Estão neste caso, a preferência (primeira ou não) das licenciaturas, que neste momento frequentam; as médias do prestígio social que atribuem a cada uma das quatro licenciaturas, obtidas a partir da classificação que elaboram numa escala ordenada de zero (0) a dez (10); e as razões que os levaram a optar por estas licenciaturas. O segundo grupo de variáveis é muito mais pequeno. Uma delas pretende averiguar as influências dos valores científicos ou dos valores religiosos, místicos e astrológicos manifestadas por esta amostra de alunos; outra solicita pesquisar a aspiração de um tipo de vida apostada no risco e aventura, através da necessidade de renovação e mudança de projectos contraposta a um outro tipo de vida sem incertezas nem instabilidades e, desse modo, uma vida racional e antecipadora das mudanças, para melhor as controlar; por último indicações sobre o tipo de comportamento adoptado por estes estudantes, isto é, ou um comportamento com objectivos definidos e calculados ou um comportamento dependente de acontecimentos casuais, da sorte e de azar e, por isso, totalmente aleatórios.

a) Variáveis reveladoras de diversos perfis de representações,
sobre as licenciaturas escolhidas

Deste primeiro conjunto de variáveis, a primeira indica a preferência das licenciaturas que os estudantes frequentam, manifestadas no acto das matrículas. Neste caso, perguntava-se aos inquiridos se as licenciaturas de Sociologia, Comunicação Social, Antropologia e Engenharia Informática, foram a primeira preferência, do conjunto de cursos que colocaram no bolhetim de acesso à universidade.

Gráfico I

Preferência das licenciaturas escolhidas segundo os cursos



A segunda variável, deste grupo, indica o prestígio social de um conjunto de cursos universitários. Todos eles funcionam nos complexos universitários espalhados pelo país. Para este estudo não considerámos as médias de prestígio social, atribuídas pelos inquiridos, a todas as licenciaturas que constavam no inquérito. A opção incide sobre um reduzido número de licenciaturas. Este sub conjunto é formado por quatro

licenciaturas que corresponde às sub amostras de estudantes que são objecto desta pesquisa: Sociologia, Comunicação Social, Antropologia e Engenharia Informática.

O objectivo desta selecção é averiguar a imagem que cada um destes cursos tem nas quatro sub amostras aqui representadas. Por um lado, pretende-se apreciar a forma como estes estudantes classificam os cursos que frequentam. Por outro lado, solicita-se comparar a primeira classificação com outra elaborada sobre as restantes três licenciaturas.

Esta comparação permite verificar se o prestígio social das licenciaturas frequentadas por cada uma destas quatro sub amostras é mais elevada ou mais reduzida em relação às restantes três licenciaturas que compõe este sub conjunto. Qual o interesse desta análise?

O prestígio social atribuído pelos estudantes inquiridos sobre cada uma destas quatro licenciaturas é a transposição para a sua classificação das representações sociais, ideologias e teorias implícitas, produzidas nas famílias, grupos de amigos e noutras infâncias societais, sobre cada uma delas. Elas são diferencialmente valorizadas também pelos diversos grupos, fracções e classes sociais. Os factores que promovem a valorização ou acentuam a desvalorização são vários. Um deles e, talvez, o mais importante é a tradição e a antiguidade de cada uma delas. Quer uma, quer outra conferem a estas licenciaturas um conhecimento pelos cidadãos (diferenciado) do efeito dos respectivos diplomas, por exemplo, no acesso a empregos bem remunerados, a lugares de chefia, a responsabilidades profissionais e técnicas, a posições políticas de prestígio, etc., por parte dos alunos que concluem aqueles cursos. Estes mecanismos e filtros por onde passam inoculadas as informações fundamentais que configuram as representações sociais, os fundamentam e justificam as crenças que delas elaboram, os estudantes e os familiares, são também vários. Uns institucionalizados nos diversos campos sociais e, por isso, formais, outros informais, isto é, produzidos no e pelo quotidiano dos cidadãos, nos diversos quadros interactivos e, tendo em conta as respectivas composições sociais das suas audiências.

Assim o auto prestígio social atribuído por cada um destes estudantes ao seu curso depende das condições sociais do seu espaço social que estruturam a classificação enunciada, corresponde aquela a um lugar numa escala de zero (0) a dez (10), isto é, do valor mais baixo ao valor mais elevado. Ao forte prestígio dos cursos que frequentam, adequam-se elevados reconhecimentos dos seus valores sociais e a possibilidade de que com os diplomas e respectivos poderes simbólicos (intensos), ascenderem a profissões prestigiadas com boas remunerações, a espaços sociais das classes dominantes, aos clubes das elites sociais, etc. Estipula-se e acredita-se que a partir de um diploma valorizado, se dá uma equivalência simétrica entre todas as dimensões do status social. A essa equivalência ou congruência de todas as dimensões importantes para a construção e consolidação do status social, correspondem típicos

comportamentos manifestados pelas práticas sociais, nos vários quadros de interacção e nas diversas audiências que os suportam. Isto é, cada um dos membros dos grupos onde se inserem, esperam, em todas as situações e espaços sociais, o mesmo tipo de comportamento, de um agente social com um certo status social. A não falsificação das expectativas recíprocas contribuem para um maior equilíbrio e a uma perfeita integração social dos agentes, nos vários espaços e respectivas audiências. Assim, os diplomas escolares que atribuem aos seus detentores uma congruência, às dimensões do seu status social e à manifestação de todos os comportamentos consistentes, levam a conferir a estes títulos poderes mágicos e aos seus possuidores características sobre dotadas, que os transformam em seres (quase?) meta sociais.

Ao contrário, a um menor prestígio social dos cursos associam-se um menor reconhecimento dos valores sociais dos diplomas e a ausência neles de quaisquer poderes simbólicos nas mentes dos estudantes que os obtêm e respectivos familiares. Estes, que se opõem ao primeiro grupo de alunos, tem um status social incongruente e um tipo de comportamento inconsciente. A incongruência explicita-se na assimetria ou a não equidistância das dimensões do status social dos alunos. Esta incongruência relaciona-se com uma inconsistência dos comportamentos destes estudantes. Esta incongruência comportamental observam-se nos quadros interactivos e respectivas audiências, através da avaliação que cada um e todos realizam reciprocamente entre os protagonistas socialmente valorizados e desvalorizados. A avaliação e respectiva classificação são elaboradas pelos membros cujos status sociais e suas dimensões são mais valorizadas, sobretudo nas interacções desencadeadas em espaços e com audiências universitárias. Desta maneira, os protagonistas que não se reconhecem como possuidores de diplomas valorizados, auto marginalizam-se e excluem-se desses quadros. Isto é, criam-se as condições sociais e culturais para uma deficiente integração social e, por isso, a um maior desequilíbrio psicológico e social, factores essenciais para comportamentos denominados "patológicos".

Ora, ao invés das leituras produzidas pelo senso comum, que apresentam a relação diploma, congruência de status e consciência de condutas, de um modo linear, quer em sentido positivo cujo efeito resulta do equilíbrio social, quer em sentido negativo, cujo efeito conduz a um desequilíbrio social, as interpretações científicas (27) evidenciam e reafirmam o carácter complexo e multidimensional desta relação. Só através de pesquisas concretas é que se torna possível, não só caracterizá-la, mas também interpretá-la e compreendê-la, sobretudo os seus efeitos plurívocos e não totalmente controláveis por parte dos agentes sociais em confronto.

Quadro XII

Representações do prestígio social relativo das licenciaturas
(médias de uma escala de 0 - 10)

LICENCIATURAS E RESPECTIVO PRESTÍGIO LICENCIATURAS FREQUENTADAS	SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA
SOCIOLOGIA	5.3	5.9	4.5	7.7
COMUNICAÇÃO SOCIAL	5.2	6.1	4.3	7.7
ANTROPOLOGIA	5.5	5.9	3.8	7.9
ENGENHARIA INFORMÁTICA	4.6	6.2	3.6	8.8

Na sequência destas considerações, e com a finalidade, de interrogar as suas validades, torna-se necessário empreender a comparação entre a primeira e a segunda variáveis. Como se sabe a primeira refere-se à preferência manifestada na escolha das licenciaturas a seguir e que foram ordenadas, no acto da matrícula. Neste caso, o objectivo é conhecer-se o curso que frequenta é ou não a primeira preferência. A segunda variável especifica o prestígio social estipulado por cada um destes estudantes. Que factores e mecanismos aparecem como cruciais para compreender a relação entre a primeira preferência na escolha da licenciatura e uma cotação baixa do prestígio social atribuído a essa mesma licenciatura? Devem-se privilegiar a origem social e a posição social do grupo doméstico com os factores exclusivos na interpretação deste fenómeno? Que complementos efectuar para enriquecer, com aquelas informações a interpretações desta relação paradoxal? As representações sociais dos cursos, produzidas a partir das suas posições sociais que lhe são conferidas, pelos estudantes e famílias, com base na sua distribuição e respectiva correlação de poderes numa dada estrutura curricular, são também elementos interpretativos, que fundamentam a compreensão da relação entre a primeira preferência na escolha da licenciatura e o seu reduzido prestígio social? A produção destas representações são constituídas, somente pela relação entre a origem e posição social dos estudantes e famílias e a distribuição de posições sociais da totalidade das licenciaturas, nas diversas estruturas espalhadas pelo espaço social? Ou a sua produção depende também dos vários processos interactivos protagonizados no quotidiano, dentro e fora das

instituições, cujos protagonistas em confronto com múltiplas audiências filtram e seleccionam activamente as informações que delas recolhem sobre as licenciaturas? As experiências familiares e dos respectivos amigos, relatados, em correspondência com as características e a natureza das suas vidas profissionais e sociais também contribuem para solidificar certas representações sobre os cursos, que por vezes, se transformam em verdadeiras crenças, observadas de geração em geração, pois os seus elementos sucessivamente concluem determinadas licenciaturas? Quais são os contributos dos valores culturais na formação destas representações sociais?

Prestando atenção aos dados contidos no gráfico I e no quadro XII, apercebe-se a nítida relação paradoxal entre a preferência resolutamente afirmativa, como primeira licenciatura (qualquer que ela seja, de entre as quatro seleccionadas) e a desvalorização social que atribuem ao curso que frequentam e desejam concluir. A única excepção nesta relação verifica-se na licenciatura em Engenharia Informática. Neste caso, a valorização social concedida, por todos os estudantes de Sociologia, Comunicação Social e Antropologia ao curso de Engenharia Informática é compatível com a auto valorização formulada pelos alunos que nela estão matriculados.

O propósito desta perspectiva não é elaborar uma classificação, ordenando os cursos mais e os menos valorizados, nem tão pouco encontrar as razões que possibilitam uma interpretação em termos exclusivamente ligados aos problemas referentes às posições que eles ocupam numa determinada hierarquia. Isto é, não se pretende reflectir sobre o porquê de uma e não outra ordem, numa escala de 0 - 10.

Não que estes processos paradoxais e quase perversos, de escolhas e atribuições logicamente incompatíveis, não sejam cientificamente interessantes. Sobretudo ao conceder aos alunos uma atitude e conduta activas, embora condicionadas no momento da escolha, que realizam no acto da primeira matrícula, assim como na atribuição, aos cursos universitários de classificações de diferentes graus de prestígio social e simbólico.

Mas o que suscita maior curiosidade é conhecer as razões que levam os alunos a optar por estas licenciaturas, que fundamentam a configuração de certos perfis de representações sociais sobre elas e articulá-las com os fenómenos relacionais que se têm vindo a referir. Esta análise complementar e articulada permite compreender melhor estas relações multidimensionais assim como as suas interpretações. Porém é o equacionamento dos problemas que estas relações tríades desencadeiam que são fundamentais para entender os efeitos destas relações, quer nas práticas sociais promovidas na escola, quer nas práticas sociais futuras, isto é, após a conclusão dos cursos e a inserção no mundo do trabalho, mas também, na produção e reprodução do quotidiano dos agentes sociais.

Dar um exemplo sugestivo possibilita, de certo, uma mais perfeita compreensão do interesse destas questões. Quando se abordam as várias categorias sócio profissionais, e, neste caso,

com particular importância, todas as que exigem, como "cartão de entrada", o diploma universitário, averiguam-se que elas não estão igualmente distribuídas na estrutura do mercado de trabalho, nem são ocupadas por agentes sociais de todas as classes sociais, em proporções idênticas, às que aquelas possuem na estrutura de classes de um dado país. Isto é, as categorias sócio-profissionais, perspectivando-se articuladamente as suas próprias composições sociais internas e as diferentes probabilidades condicionais de acesso a cada uma delas, ocupam diferentes posições sociais na sua estrutura, conjuntamente com uma desigualdade social de acesso, mesmo considerando uma maior democratização do sistema universitário.

Basta comparar a categoria sócio profissional dos professores do ensino básico e secundário, com os quadros superiores do Estado ou das empresas privadas. Mas não é sobre esta comparação que reside o interesse desta reflexão. O importante, é integrorrar sobre os efeitos que produzem estas relações, incongruentes e paradoxais, quer no acesso a cada uma das categorias sócio-profissionais, que solicitam um título académico, quer nos específicos problemas internos das suas actividades profissionais e de carreira, quer nas relações estabelecidas entre elas, quer na separação e distinção entre as mais e menos valorizadas. Dito por outras palavras, é fundamental pensar complementarmente as representações sociais construídas sobre as categorias sócio profissionais no tempo e no espaço, com os fins e funções sociais de cada uma delas, não esquecendo, as probabilidades condicionais de acesso, assim como as suas composições sociais internas.

Não sendo objectivo desta pesquisa elaborar uma análise comparativa entre as várias categorias sócio profissionais, não deixa de ter sentido apontar algumas interrogações sobre os efeitos das relações entre, por um lado, a escolha dos cursos e os seus prestígios sociais, e por outro, as razões das opções curriculares, no professorado dos níveis básico e secundário.

Pressupondo uma nítida desvalorização na profissão ligada ao ensino, sobretudo nos seus escalões mais baixos, os novos professores necessitam para ter acesso a esta categoria sócio profissional, de uma escolarização mais prolongada, com maiores dificuldades no seu trajecto, em particular no acesso às universidades, de uma profissionalização (encarada de modo diverso) que lhes garantam uma segurança na carreira e onde se acentuam diferentes teorias implícitas sobre o estatuto da carreira docente. Que efeitos experimenta o professorado do ensino básico e secundário, no domínio do prestígio social e valorização profissional, quando os seus componentes, os professores, estão condicionados a um processo social marcado pelas vicissitudes paradoxais e até perversas descritas anteriormente? E que efeitos dão conta os professores que acabam de entrar nesta profissão? De que modo encara o professorado a sua situação profissional, se as condições sociais e escolares dos seus trajectos estudantis foram marcadas por factores diversos e de sinais opostos, surgindo, por vezes a condição de ser professor como única e viável alternativa profissional? Que contributos dão às relações pedagógicas, (por exemplo), os seus

modos de perceber, sentir e agir, produtos de múltiplas condições e situações sociais anteriores, numa profissão, que como qualquer outra os reforçam, os anulam ou os transformam? Como manifestam o empenho no rumo da escola? Como produzem e reproduzem as suas práticas pedagógicas? O interesse pela vida escolar e a reprodução ou inovação das práticas pedagógicas não dependem das situações e condições sociais presentes (ligadas à profissão) e passadas (relacionadas ao anterior trajecto social e escolar)? Perante a multiplicidade de situações incongruentes, de interesses manifestos e ocultos, como é que os professores se projectam no futuro?

Ao conferir importância ao trajecto social e escolar anterior reafirma-se a perspectiva de um professorado social, sexual, etário e regionalmente diferenciado, com todas as implicações que estes elementos traduzem na estruturação dos limites possíveis de transformações das condições actuais desta profissão, assim como do interesse dos professores pertencentes a várias classes e fracções de classe nessas mesmas mudanças. Esta análise não desvincula outros protagonistas do sistema escolar que se empenham, quer nos processos de mudança e, quer, no estabelecimento, de elementos políticos e normativos, que dificultam e limitam as transformações desejadas.

Após as considerações feitas sobre este exemplo, retomase a reflexão anterior. Deste modo e, na sequência do que se afirmou, é importante interpretar as razões que conduziram estes estudantes a escolher estas e não outras licenciaturas.

A interrogação incluída no questionário solicitava que os inquiridos apontassem o grau de importância das razões (7) descritas no mesmo, para se compreenderem as influências daquelas nas opções curriculares realizadas por estes estudantes. Estas razões podem ser distribuídas em dois grupos distintos. O primeiro é constituído por razões que se podem classificar como egocentradas, isto é, os sentidos nelas contidos apelam para valores centralizados nos interesses individuais dos agentes sociais. O segundo grupo é formado por uma série de razões cujas orientações procuram suscitar valores sócio centrados, isto é, disposições que se descentram dos indivíduos para se concentrar em redor dos problemas sociais, políticos, económicos e culturais do país.

Deste modo, o interesse desta pergunta reside na averiguação das tendências que subsistem nesta amostra de estudantes, relativamente aos valores ego ou sócio centrados. Torna-se importante reflectir sobre as variações inter cursos, e neste sentido, procurar verificar se a universidade contribui para homogeneizar valores e disposições para agir segundo aqueles, ou pelo contrário os valores tendem a aparecer segmentados reforçando-se a heterogeneidade e a diversidade. O mesmo acontece com as variações intra cursos, isto é, o conhecimento das particularidades de cada uma das licenciaturas quanto às influências dos valores sócio ou ego centrados entre os seus alunos, para deste modo provar o real efeito de homogeneização dos valores na universidade.

Quadro XIII
 Importância relativa das razões de escolha das licenciaturas
 segundo os cursos

LICENCIATURAS RAZÕES DE ESCOLHA DAS LICENCIATURAS	SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA	
	N	%	N	%	N	%	N	%
ACESSO A PROFISSÃO QUALIFICADA E RAZOAVELMENTE REMUNERADA	27/79	29.1	56/63	88.9	9/47	19.1	8/20	40.0
DESENVOLVER UM TRABALHO DE QUE GOSTE	69/80	86.3	56/63	88.9	40/47	85.1	16/20	80.0
ADQUIRIR CONHECIMENTOS, COMPLETAR A FORMAÇÃO E DESENVOLVER AS POSSIBILIDADES PESSOAIS	65/79	82.3	47/62	75.8	38/46	82.6	14/20	70.0
CONTRIBUIR PARA O AVANÇO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	18/77	23.4	3/61	4.9	14/45	31.1	5/20	25.0
CONTRIBUIR PARA O ENRIQUECIMENTO CULTURAL DO PAÍS	25/79	31.6	12/61	19.7	21/46	45.7	1/20	5.0
PREPARAÇÃO E COMPETÊNCIA PARA CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÓMICO DO PAÍS	21/81	30.0	8/62	12.9	8/45	17.8	6/20	30.0
AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E PREPARAÇÃO PARA INTERVIR INFORMADAMENTE NA VIDA SOCIAL	44/81	54.3	31/63	49.2	27/47	57.4	3/20	15.0

Através do quadro XIII anotam-se alguns dados curiosos. Não há dúvida que as razões da escolha das licenciaturas que são o suporte de valores egocentrados, encontram-se distribuídos na mesma proporção elevada entre os quatro cursos. No entanto, em cada uma das razões enquadradas no conjunto onde se acentuam os valores ego centrados notam-se algumas diferenças substanciais. Assim, a maioria destes estudantes independentemente das suas opções curriculares, apontam as seguintes razões de importância relativa, que presidiram à escolha das suas licenciaturas:

1. 80% matricularam-se nestes quatro cursos para após a sua conclusão desenvolverem um trabalho de que goste. Verifica-se uma forte projecção no futuro, que sendo incerto, desponta neles enormes crenças nas possibilidades de virem a ter acesso a uma profissão de que gostem. Não foi possível, mas persiste o interesse em comparar as profissões que de facto desejavam ter e as suas probabilidades reais de acesso. Caso se mantenha, a hipótese inicial de que, nos três cursos de Ciências Sociais a maioria destes alunos encaminham-se temporária ou permanentemente para o ensino básico e secundário, aquela comparação ganharia ainda maior interesse. Estas análises, escapando às grandes percepções macro escolares, dispõe, por vezes, de algumas informações que ajudam a compreender melhor a realidade do ensino, em particular, no que concerne às condições sociais e profissionais dos professores e os efeitos destas, quer no trabalho pedagógico, quer na própria dinâmica da escola, tanto como instituição relativamente autónoma, tanto como instituição em contacto frequente com a estrutura social de que é parte integrante.

2. A razão que se segue, optada por 70 a 83% destes alunos, ressalta a importância relativa da aquisição e aprofundamento dos conhecimentos científicos que desenvolvem as capacidades e qualidades pessoais. Ao contrário da anterior esta projecta-se no presente imediato e chama a atenção para a função pedagógica e científica da universidade. Mas para um tipo de formação científica virada para a percepção antecipada das suas potencialidades que, ao serem reconhecidas, na relação pedagógica que desenvolvem com os professores, estes devem-nas tornar operativas e eficazes. Apela, por isso, à escola para acentuar o mérito, deduzido da articulação entre a necessidade de aquisição dos conhecimentos e o desenvolvimento das potencialidades pessoais. Reforçam os valores escolares dominantes incorporados no trajecto escolar anterior, depois de terem tido a experiência de ultrapassar os principais obstáculos e de evitarem a despromoção escolares, através das reprovações. Caso o destino profissional destes alunos conduza ao ensino, que articulações se podem ensaiar, entre esta situação e a reprodução de valores escolares dominantes?

3. Ao comparar a percentagem de adesão entre a anterior e a seguinte razão de escolha, verifica-se que somente os alunos de Sociologia e Antropologia referem, em cerca de 50%, a importância relativa tida na selecção destas licenciaturas, a aquisição de conhecimentos e preparação para intervir informadamente na vida social. Não só, este problema é do interesse e do desejo da maioria destes alunos, mas também,

subjacente a estas percentagens, subsistem teorias implícitas incluídas nas representações sociais sobre as funções da escola, que indicam claramente que elas centram-se num ensino e preparação dos seus alunos, com instrumentos técnicos e conceptuais desligados das dimensões ideológicas e políticas, isto é, acentuam a crença numa ciência neutral. Por outro lado, preferem a passividade e o desinteresse, à intervenção informada na vida política e social, deixando a outros estas funções. Deste modo reduzem o seu campo de acção à carreira profissional, projectando nelas todas as expectativas e separando-a claramente de outros campos sociais. Que relações se podem retirar desta realidade aqui representada e dos valores escolares dominantes? Que projecções (relativas) se podem realizar destas percepções sobre as funções da escola e da universidade na próxima inserção destes alunos (alguns) no campo social escolar como futuros professores?

Resumidamente acrescentam-se as razões de menor importância relativa, nas opções curriculares efectuadas por estes alunos, numa ordem decrescente, isto é, das com maior representatividade para as de menor. Porém, chama-se a atenção que estas razões, opondo-se às anteriores, possuem uma componente mais sócio centrada, à excepção da primeira.

1. O acesso a uma profissão qualificada e razoavelmente renumerada surge em primeiro lugar entre as quatro razões aqui apresentadas. Como se observa é uma das que se insere no conjunto das egocentradas. Somente os alunos de Comunicação Social sublinham a sua importância relativa na escolha que efectuaram. Os outros mantêm um desinteresse, em relação a esta questão. De entre eles sobressaiem os futuros Sociólogos e Antropólogos. Alguns futuros Engenheiros Informáticos ainda concedem (cerca de 40%) importância relativa a esta razão. Um dos motivos para esta situação tem muito que ver com a antecipação dos destinos profissionais possíveis e prováveis. Quer os licenciados em Comunicação Social, quer os Engenheiros Informáticos, para além dos seus campos profissionais, estarem melhores estruturados, elas exigem uma dada qualificação profissional, o que permite que eles aspirem a vencimentos compatíveis com aquela. Associadas a esta realidade devem-se acrescentar as experiências reflexivamente apreendidas pelos alunos, a partir de um reconhecimento das características e das condições de acesso a certas empresas e respectivas carreiras profissionais (vantagens, desvantagens, regalias, vencimentos, etc). Que horizontes profissionais e de carreira eles projectam? Pelos relatos que ouvem dos seus colegas já licenciados e por intermédio de outras fontes de informação, eles estruturam representações sociais sobre as categorias sócio profissionais e, também produzem através delas teorias implícitas que desacreditam determinadas carreiras (só para os eleitos) enquanto outras, em particular o professorado, surgem como únicas e exclusivas alternativas?

Acresce-se a esta análise um outro elemento importante: a composição social diferencial entre as quatro licenciaturas principalmente se articulamos a origem social dos pais com os respectivos níveis de instrução. Estes níveis pressupõem a acumulação ou quase esvazamento de quantidades (volumes) de

capital escolar nas famílias. Também não se podem esquecer as condicionantes posições que cada um destes cursos ocupam na estrutura universitária e respectivo prestígio tradicional ou actualmente incorporado nos quadros mentais dos agentes sociais, que decisivamente contribuem para estruturá-los de um modo particular, isto é, na crença e descrença de uma correlação entre o diploma e o posto de trabalho qualificado e bem remunerado.

2. A contribuição para o avanço cultural do País é uma das razões de menor importância relativa que interferiram na escolha das licenciaturas, embora os alunos em Sociologia e Antropologia (em particular estes últimos) tenham atribuído certa consideração. Ao reparar na ínfima percentagem conferida pelos estudantes de Comunicação Social e Engenharia Informática, torna-se legítimo interrogar sobre a função da escola e dos professores no reforço de uma concepção estreita, vazia e sem contornos do conceito de cultura e de fenómeno cultural. Vislumbra-se uma nítida dicotomização entre uma noção de cultura relacionada com cursos de perfis mais "sociais e culturais" (no sentido tradicional e elementar do termo), onde o fenómeno cultural adquire uma incidência pertinente para a compreensão dos processos sociais e humanos e uma ausência do significado de cultura, nas representações sociais dos alunos de Comunicação Social e Engenharia Informática, porque não só não conseguem entender, como cursos mais especializados e canalizados para profissões e carreiras melhor definidas, podem favorecer o desenvolvimento cultural, como também não a redimensionam noutros novos eixos (por exemplo, as novas tecnologias) que complexificam, aprofundam este conceito.

3. Preparação e competência para contribuir para o desenvolvimento sócio-económico do País, assim como, contribuir para o avanço do conhecimento científico, foram as duas razões menos apontadas por estes alunos, e neste sentido, não se fundamentam nelas, as opções escolares que realizaram quando acederam à universidade.

A primeira ainda é considerada por 30% dos estudantes de Sociologia e Engenharia Informática. Pelo contrário os estudantes de Comunicação Social e Antropologia decidem-se por se marginalizar dos processos de desenvolvimento sócio-económico do país. Quais as razões desta oposição? Que factores influenciam a formação de certos sentidos sobre determinadas noções e concepções? Neste caso, mais uma vez, pressentem-se noções de reduzido alcance sobre a problemática do desenvolvimento económico e social. À Sociologia, evidentemente, cabe a função de preparação de quadros para o desenvolvimento social que, numa lógica dedutiva, acabará por determinar (linearmente?) o mais rápido(?) desenvolvimento económico. À Engenharia Informática, como licenciatura, cuja finalidade é produzir quadros técnicos, compete a função de promover o desenvolvimento económico, pela determinante tecnológica, que levará ao desenvolvimento social. Esta lógica e concepção dominantes sobre o desenvolvimento, centrado nas componentes sociais, económicas e técnicas, remetem os alunos em Comunicação Social e Antropologia para um vazio e a anunciar uma "incapacidade" na propagação das condições económicas, sociais, culturais, técnicas e simbólicas do

desenvolvimento.

A segunda é apreciada por cerca de 31% dos alunos de Antropologia, embora 1/4 dos alunos de Sociologia (quase) e de Engenharia Informática lhes concedam importância relativa. Os alunos de Comunicação Social não atribuem qualquer consideração ao problema do desenvolvimento científico. Quer num caso, quer no outro, a grande percentagem dos estudantes ignoram a importância ao desenvolvimento científico. Porquê? A resposta não é fácil, nem este é o local próprio para a elaborar. No entanto, surge, mais uma vez, uma concepção muito centrada de desenvolvimento científico, nos quadros mentais destes alunos, fruto da incorporação de valores escolares dominantes que a reduzem e a segmentam, não só, atribuindo a alguns (os eleitos) essa tarefa, mas também impondo uma manifesta impossibilidade de entrar em centros de investigação, transformando-os em profissionais, cujo saber prático não interfere, nem influencia o saber teórico.

A análise e reflexão das distinções das razões e respectivas importâncias relativas ao acesso, destes alunos, a cada uma das quatro licenciaturas manifestam-se quase redundantes. Neste sentido, opta-se por as considerar subsidiárias da primeira interpretação e, por isso, para este estudo concreto, a análise e reflexão das razões de escolha, numa perspectiva inter cursos apresentam-se, como secundárias.

b) Variáveis reveladoras de diversos perfis de representações sobre os valores escolares dominantes e seus efeitos nas práticas sociais destes estudantes

Neste segundo conjunto de variáveis distinguem-se dois sub-conjuntos que se articulam e se complementam. O primeiro retrata a influência de valores científicos, religiosos, míticos e astrológicos entre os alunos de Sociologia, Comunicação Social, Antropologia e Engenharia Informática. O segundo reflete os efeitos dos valores escolares nas práticas sociais destes mesmos alunos.

A partir do primeiro sub-conjunto retiram-se alguns elementos que permitem repensar as características do trajecto escolar, assim como as suas contribuições na montagem e desmontagem, na criação e incorporação dos valores escolares em confronto com outros de raízes religiosas, místicas e astrológicas.

A partir do segundo e articulado com os dados anteriores, recolhem-se outras informações também interessantes. Estas referem-se exclusivamente às acções desenvolvidas pelos estudantes, isto é, relacionam diferentes formas de estar, de sentir e de agir, nos diversos campos sociais, principalmente no campo universitário. Mais claramente são ainda as disposições que acalentam, mas também as que já dão sentido às suas práticas sociais na e fora da universidade.

Um confronto com determinadas representações sobre o acaso conjugado com a descoberta de elementos que ajudam a compreendê-lo, antecipando-o de certa forma. Deste modo, os

comportamentos, acções e práticas sociais são desenvolvidas a partir de objectivos enunciados, definidos, calculados. Consequentemente o acaso está dependente e é controlado, quer pela antecipação do que se pensa prever que vai acontecer, quer dos possíveis efeitos de tais fenómenos se de facto aparecerem.

Outras defrontam-se com representações sobre os projectos de vida a realizar. Projectos sem incertezas e instabilidades. Projectos mais ou menos elaborados, pensados e reflectidos. Sobretudo desejados para serem de facto concretizados.

Mas um outro conjunto de práticas sociais opõem-se às primeiras. Umam formam-se em função e na dependência dos acontecimentos casuais, de azar e sorte. Isto é, acontecimentos aleatórios, incontrolláveis e que deste modo geram comportamentos, acções e práticas sociais inconsequentes, perversas, incongruentes, contraditórias e não racionais, nem reflexivas.

Quadro XIV

Influência dos valores científicos, religiosos, míticos ou astrológicos segundo as licenciaturas

LICENCIATURAS VALORES CIENTÍFICOS, RELIGIOSOS, MÍTICOS E ASTROLÓGICOS		SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA	
		N	%	N	%	N	%	N	%
VALORES CIENTÍFICOS	CONCORDO	53	65.4	31	49.2	36	76.6	12	60.0
	DISCORDO	25	30.9	31	49.2	9	19.1	7	35.0
	NÃO TENHO OPINIÃO	3	3.7	1	1.6	2	4.3	1	5.0
	TOTAL	81	100.0	63	100.0	47	100.0	20	100.0
VALORES RELIGIOSOS MÍTICOS ASTROLÓGICOS	CONCORDO	15	18.5	15	24.2	9	19.1	3	16.7
	DISCORDO	52	64.2	35	56.5	32	68.1	13	72.7
	NÃO TENHO OPINIÃO	14	17.3	12	19.3	6	12.8	2	11.1
	TOTAL	81	100.0	62	100.0	47	100.0	18	100.0

Por último, as práticas sociais que demonstram disposições sobre um modo de vida, cujos projectos são marcados pelo risco e aventura. Projectos que se concretizam no presente. O futuro não se prevê nem se antecipa. Depende ... mas não interessa reflectir. O amanhã vive-se depois. E o depois? Não se sabe. Renova-se.

Para se entender a lógica dos sentidos destes dados contidos neste quadro é necessário conhecer o teor da pergunta formulada no questionário. Pedese que os estudantes, desta

amostra, respondam se concordam, discordam ou não têm opinião sobre os fundamentos da ciência como elemento básico na explicação de todos os aspectos da realidade ou, caso contrário, há certos aspectos da realidade cujas explicações só se podem encontrar noutras instâncias, nomeadamente, aquelas relacionadas com a religião, os mitos ou a astrologia.

O essencial destes dados circulam em torno da função socializadora da escola, aqui encarada como canal de circulação social, onde os alunos permanecem, num tempo variável, mas sempre transitório. Através daquela função, a escola, quer pelo trabalho pedagógico (relação professor-aluno), quer por outros meios e instrumentos, inculca um conjunto de valores sociais e escolares dominantes.

Uma das características indispensáveis dos valores escolares, e alicerce da própria escola, enquanto instituição, é a crença nos conhecimentos científicos, isto é, na ciência em geral como via exclusivista, na explicação de todos os fenómenos naturais, biológicos, físicos, químicos, sociais e humanos. Uma das finalidades da instituição escolar é vincular e reforçar constantemente, o progresso e a amplitude do seu domínio, através da revogabilidade de todos os outros tipos de explicação, cujas raízes, métodos e técnicas não são "fiéis" às características singulares da ciência.

A autonomia dos campos científico e escolar firmam-se, entre outros aspectos, pela declaração da indispensabilidade do conhecimento científico e dos processos que ele acciona, para a explicação dos aspectos da realidade social. Neste sentido, observam-se lutas de interesses entre todos os campos, cujas funções principais são apresentar modos essenciais de explicação dos aspectos da realidade, mas também preocupações ontológicas, cujas finalidades são os homens compreenderem e explicarem o ser em si. Em particular, estas lutas envolvem os agentes sociais, cujas posições sociais no campo, obrigam a defender acerrimamente aqueles modos particulares, contraditórios, mas sempre totais e completos. A busca da verdade e dos processos para atingir, transformam-se num alvo necessário à sobrevivência, autonomia, afirmação e reconhecimento de todos os campos sociais que se constituem e se sustentam, através dele.

Curiosamente e, pela leitura das informações retiradas do quadro XIV, estes estudantes, em todos os cursos, demonstram maioritariamente (excepção dos alunos de Comunicação Social) concordantes com a afirmação de que "a ciência pode, pelo menos potencialmente explicar ou vir a explicar todos os aspectos da realidade" (28). Mas esta concordância não determina um "auto de fé" convincente sobre o poder da ciência como instrumento de saber e de explicação de todas as coisas, fenómenos, processos, isto é, de todos os aspectos da realidade. Com variações entre estes quatro cursos, notam-se, no entanto, percentagens significativas, de dissonâncias, ao carácter potencial da ciência como instrumento explicativo da realidade.

Mas se o olhar se fixar no segundo nível do quadro, este fica perplexo, porque as percentagens da anterior discordância.

não se manifestam de igual modo, na concordância de que "há aspectos da realidade que só podem encontrar explicações de tipo religioso, místico ou antropológico" (29). Uma das respostas para tal perplexidade encontra-se na elevada percentagem de alunos que evidenciam não ter uma opinião sobre esta proposição afirmativa.

Como interpretar a ausência de opinião sobre o poder explicativo, de alguns aspectos da realidade, atribuído às crenças religiosas, míticas e astrológicas? A posição pouco convincente do atributo de exclusividade que se confere ao poder da ciência, como via para atingir o conhecimento dos aspectos da realidade (não o reconhecimento) e as percentagens significativas do receio, em discordar ou concordar, com os fundamentos explicativos da religião, mitos e astrologia, colocam estes alunos, o ensino (todo?), assim como os seus meios sociais numa situação particular. Caminha-se para uma desvalorização destas crenças e respectivos poderes explicativos? Quais as crenças novas que vão substituí-los? Um facto parece ressaltar: estes alunos reafirmam claramente os limites dos poderes explicativos das crenças e da ciência (muitas vezes a ciência, respectivas explicações e processos utilizados para as alcançar, não se transformam numa crença, com fundamentos racionais?).

Como atrás se referiu o segundo conjunto de variáveis representam e ajudam a compreender de forma relativa, o sentido das práticas sociais actuais, através da sua transposição para um futuro, mais ou menos próximo. Mas a compreensão do sentido das práticas sociais actuais, destes estudantes, só se torna possível, num sentido restrito. A restrição é dada, pelos limites conferidas pela própria questão.

Pedem-se aos alunos, que perante duas alternativas opostas, assinalem aquela que corresponde ao seu ponto de vista. Assim, de um lado, confrontam-se a impossibilidade, de uma vida permanentemente incerta e instável e, por isso, torna-se fundamental saber, antecipadamente, o que pode acontecer, e o sentido e prazer da vida relacionados com o risco e a aventura, consequências da inovação e renovação constante dos projectos de vida. Dito por outras palavras a oposição é entre a estabilidade permanente da vida e o risco e a aventura inerente a uma vida sem projectos fixos.

Do outro lado, ficam frente a frente, a afectação relativa do acaso da vida dos agentes sociais, porque os seus efeitos podem ser evitados, através da fixação de objectivos, observados nos comportamentos calculados, e a dependência da vida dos agentes sociais dos acontecimentos casuais e aleatórios, muito mais do que das decisões e das suas vontades em os alcançar. Isto é, a oposição é entre o controlo dos efeitos do acaso, através de objectivos fixados e práticas sociais, que calculadamente atingem as finalidades propostas e a dependência do poder decisional voluntarista dos agentes sociais em relação a acontecimentos imprevistos e eventuais.

Da leitura dos quadros XV e XVI retiram-se algumas informações que permitem caracterizar perfis comportamentais, quer acerca dos futuros projectos de vida, quer acerca das

Quadro XV

Representações sobre os projectos de vida em função das licenciaturas

LICENCIATURAS AVENTURA OU ESTABILIDADE	SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA
VIVER SEM INCERTEZAS E INSTABILIDADE	34.6	25.4	54.2	40.0
RENOVAÇÃO DE PROJECTOS COM RISCO E AVENTURA	65.4	74.6	45.8	60.0

Quadro XVI

Representações sobre a influência dos acontecimentos casuísticos ou previsíveis

LICENCIATURAS ACASO E PREVISÃO	SOCIOLOGIA	COMUNICAÇÃO SOCIAL	ANTROPOLOGIA	ENGENHARIA INFORMÁTICA
ACASO, MAS COM OBJECTIVOS E COMPORTAMENTOS CALCULADOS	86.7	79.4	87.5	95.0
DEPENDÊNCIA DE ACONTECIMENTOS CASUAIS E ALEATÓRIOS	13.3	20.6	12.5	5.0

condutas dependentes ou autónomas dos acontecimentos casuais ou aleatórios. Porém, estes perfis só podem ser interpretados na relação que estabelecem com os valores escolares dominantes, e respectivas influências, onde subjacentemente se descobrem fundamentos lógicos estritamente associados a apelos constantes ao sentido racional de (todas?) formas de sentir, pensar e agir, tanto dos estudantes, como de outros agentes escolares. Por outras palavras, não é de excluir a hipótese de, perante o reforço da formalidade das componentes racionais das categorias de pensamento científico, os alunos ressaltem contundentemente, nos desejos e disposições manifestadas sobre os futuros projectos de vida e em todo o tipo de comportamento, como reacção a acontecimentos previsíveis ou casuísticos, uma adesão aos sentidos puramente racionais que comandam e determinam as práticas sociais.

Esta hipótese só é parcialmente verificada. A maioria dos estudantes, à excepção dos antropólogos, reafirmam o gosto pela renovação constante dos projectos, pelo risco e pela aventura. No entanto, averiguam-se percentagens significativas de alunos em todas as licenciaturas que preferem viver sem incertezas e instabilidades, procurando nos cursos a segurança, através do capital escolar, quer para a conservação das posições sociais adquiridas, quer para a conquista de novas e mais elevadas posições sociais no amplo espaço social. Tinha interesse determinar como seriam a distribuição destas representações sobre modos de vida (desejos) projectados no futuro segundo as origens sociais destes estudantes. Este cruzamento formaria algumas respostas sobre as estratégias das várias classes e fracções de classe relativamente ao futuro, produzidas ou reconvertidas a partir dos resultados e experiências colhidas durante a passagem pela universidade.

Pelo contrário, uma significativa maioria dos estudantes afirmam que, perante acontecimentos casuais, que existem, accionam comportamentos calculados que, de certo modo, servem para controlar os seus efeitos. Há uma manifesta concordância em acentuar as reais possibilidades que o pensamento racional lhes confere em antecipar e prever os principais efeitos do acaso, de modo a evitar ou controlar os mais nefastos. Esta antecipação e previsão correspondem, provavelmente, às experiências que os estudantes adquirem no quotidiano, remetendo-as às situações e processos sociais que ocorrem próximas daquelas e com alcances e dimensões reduzidas. É evidente que se está perante mais uma crença: "a fé" na possibilidade de controles antecipados dos efeitos de determinados e típicos comportamentos, anulando as suas dependências às situações que mudam, mesmo quando algumas das suas características se mantêm no tempo.

NOTAS

(1) O programa de investigação "As Classes Médias Urbanas: Recomposição Social e Mudança Cultural" desenrola-se no Instituto de Ciências Sociais, estando a cargo de uma equipa formada pelos investigadores João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado.

(2) A pesquisa de investigação referenciada foi apresentada por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado no 1º Congresso Português de Sociologia realizado em Lisboa, em Janeiro de 1988, cujo artigo "Famílias, Estudantes e Universidade - painéis de observação sociográfica" foi publicado na revista Sociologia - Problemas e Práticas, Maio de 1988, nº 4.

(3) Benavente, Ana; Costa, António Firmino; Machado, Fernando Luís e Nunes, Manuela de Castro "Do outro lado da Escola", Edições Rolim, Lisboa, 1987, pp. 142

(4) Do amplo conjunto de obras que abordam a problemática das classes sociais, destacam-se: Nicos Poulantzas, Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui, Paris, Seuil, 1974; Daniel Bertaux, Destinos pessoais e estrutura de classes, Lisboa, Moraes, 1978; Anthony Giddens, A estrutura de classes das sociedades avançadas, Rio de Janeiro, Zahar, 1975; Anthony Giddens e David Held, Classes Power and Conflict, Los Angeles, University of California Press, 1982; Erik Olin Wright, Classe, Crise e o Estado, Rio de Janeiro, Zahar, 1981; Erik Olin Wright, "Marxismo e Teoria das Classes", Revista Crítica de Ciências Sociais nº 12, 1983; Pierre Bourdieu, La distinction - critique social du jugement, Paris, Minuit, 1971; Frank Parkin, Marxism and class theory: a bourgeois critique, London, Tavistock Publications, 1979. Ainda podem ser consultados outras contribuições teóricas e algumas aplicações empíricas em pesquisas sobre a realidade rural portuguesa, nomeadamente em João Ferreira de Almeida, Classes Sociais nos Campos - camponeses parciais numa região do Nordeste, Lisboa, Edições do ICS, 1986 e "Alguns problemas de teoria das classes sociais", Análise Social, nº 66, 1981; em António Firmino da Costa "Alfama: entreposto de mobilidade social", Cadernos de Ciências Sociais, nº 2, 1983 e John Roemer: "Novos contributos para velhas questões da teoria das classes sociais", Análise Social, nº 98, 1987; José Madureira Pinto, Estruturas Sociais e Práticas Simbólicas - Ideologias nos campos, Porto, Afrontamento, 1985 e "Solidariedade de vizinhança e posições de classe em colectividades rurais", Análise Social, nº 66, 1981; António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, "Meios populares e escola primária", Sociologia - Problemas e Práticas, nº 2, 1987 e Adérito Sedas Nunes, "A Universidade no sistema social português - uma primeira abordagem", Análise Social, nº 32, 1970.

(5) Ver as seguintes obras de Anthony Giddens, New Rules of Sociological Method - A Positive Critique of Interpretative Sociologics, London, Hutchinson and Co Publishers Ltd, 1970; Central Problems in Social Theory, London, Macmillan/Berkeley;

University of California Press, 1979 ; The Constitution of Society - Outline of the theory of Structuration, Cambridge, Polity Press, 1984.

(6) Ver as seguintes obras de Pierre Bourdieu, Esquisse d'une théorie de la pratique - précédé de trois études d'ethnologie, Kabyle, Genève, Droz, 1972 ; La distinction - critique sociale du jugement, Paris, Minuit, 1987. Também se pode consultar uma antologia de extractos de textos deste autor organizados por Alain Accardo/ Philippe Corcuff, La sociologie de Bourdieu, Textes choisis et commentés, Bourdeaux, Le Mascaret, 1986.

(7) O inquérito por questionário foi organizado por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado e foi aplicado em várias licenciaturas nomeadas nas notas do estudo Famílias, Estudantes e Universidade.

(8) Ver João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado no artigo Família, Estudantes e Universidade já anteriormente referido.

(9) Ver nota (4).

(10) Ver artigo Famílias, Estudantes e Universidade já mencionado.

(11) Pierre Bourdieu, "Espace Social et Genèse des Classes, Actes de la Recherche en Science Sociales, nº 52-53, 1984. Ver também "Condition de classe et position de classe", Archives européennes de Sociologie, Tome VII, nº 2, 1966.

(12) Pierre Bourdieu, "Espace Social et Genèse des Classes", artigo referido, p. 4.

(13) Ver alguns autores (nota 4), tais como Daniel Bertaux, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, entre outros.

(14) Ver o estudo clássico de Pitirim Sorokin, Social and Cultural Mobility, New York, Free Press, 1927, mas também Raymond Boudon, L'inegalité des chance, Paris, A. Colin, 1973. Effets pervers et ordre social, PUF, 1977, Roger Girod, Politiques de l'éducation: l'illusoire et le possible, Paris, PUF, 1981 e Inégalité, Inégalités, Paris, PUF, 1977.

(15) Entre vários estudos de interesse, destacam-se, Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron, Les Héritiers, Paris, Minuit, 1964 e La reproduction, Paris, Minuit, 1970, Maria Filomena Mónica, Escola e Classes Sociais (antologia), Lisboa, Presença/GIS, 1981, Daniel Bertaux, Destinos Pessoais e Estrutura de Classes, Lisboa, Moraes, 1978 e Adérito Sedas Nunes "A Universidade no sistema social português - uma primeira abordagem", Análise Social, nº 22, 1970.

(16) João Ferreira de Almeida, Análise Social, nº 66, 1981 p. 246

(17) Ver nota (6).

(18) Jorge Vala, Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum, Cadernos de Ciências Sociais, nº 4, 1986, p. 6.

(19) Ver nota (2,8 e 10).

(20) Ver artigo "Famíliais, Estudantes e Universidade" já referido.

(21) Ver nota anterior

(22) A análise que se apresenta sobre algumas características predominantes na estrutura de classes portuguesa foi concebida, a partir da ideia e informações recolhidas no artigo elaborado por João Ferrão denominado "Recomposição Social e Estruturas Regionais de Classes (1970-1981)", Análise Social, nº 88-89, 1985.

(23) Ver artigo várias vezes mencionado "Famílias, Estudantes e Universidade".

(24) Para além das obras referidas na nota (15), acrescentam-se mais algumas de grande importância: Monique de Saint Martin, Les fonctions sociales de l'enseignement scientifique, Paris, Monton, 1971 ; Noëlle Bisseret, Les inégaux ou la sélection universitaire, Paris, PUF, 1974 ; Ana Maria Domingos, Helena Barradas, Helena Rainha e Isabel Pestana Neves, A Teoria de Bernstein em Sociologia da Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, Pierre Bourdieu, Composition sociale de la population étudiante et chances d'accès a l'enseignement supérieure, Orientations, 1972, L'examen d'une illusion, Revue Française de Sociologie, IX, nº spécial Sociologie de l'éducation, tome 2, L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et devant la culture, Revue Française de Sociologie, VII, 1966 ; Annette Lareau, Social class differences in family - school relations: the importance of cultural capital, Sociology of Education, 1987, vol. 60, Jean-Claude Forquin, L'approche sociologique de la réussite et de l'échec scolaires. Inégalités de réussite scolaire et appartenance sociale, Revue Française de Pédagogie, nº 60, 1982 e Darras, La partage des bénéfices. Expansion et inégalités en France, Paris, Minuit, 1966.

(25) Ver por exemplo, Pierre Bourdieu, Adérito Sedas Nunes entre outros autores, nas obras e artigos já assinalados. A divisão geográfica em regiões e sub regiões foi idêntica à utilizada na pesquisa elaborada por João Ferreira de Almeida, Classes Sociais nos campos - camponeses parciais numa região do Nordeste, já anteriormente citada.

(26) Seguidamente apresentam-se os dados de distribuição por sexos desta amostra de estudantes.

LICENCIATURAS SEXO	SOCIOLOGIA		COMUNICAÇÃO SOCIAL		ANTROPOLOGIA		ENGENHARIA INFORMÁTICA		TOTAL	
	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z	N	Z
MASCULINO	20	24.4	25	37.9	9	19.6	17	85.0	71	33.2
FEMININO	62	75.6	41	62.1	37	80.4	3	15.0	143	66.8
TOTAL	82	100.0	66	100.0	46	100.0	20	100.0	214	100.0

Os valores desta distribuição confirmam a sobre representação da sub população feminina nos três cursos de Ciências Sociais e a sobre representação da sub população masculina na licenciatura de Engenharia Informática.

As características desta distribuição relaciona-se com uma dada atribuição de prestígio social às quatro licenciaturas. Assim, os cursos que apresentam um maior contingente de alunos do sexo masculino, são aqueles que detêm um maior prestígio social entre estes estudantes. Pelo contrário, aquelas que mostram uma menor representação da sub população masculina encontram-se mal classificados, em termos de prestígio social.

Torna-se fundamental perceber esta relação, fazendo intervir nela, a origem social de classe dos grupos domésticos, de modo a interpretar mais correctamente estes resultados. Será que a sub população feminina, melhor representada nas licenciaturas de Sociologia e Antropologia, possuem características sociais (em termos de origem social de classe) muito diferente da sua congénere integrada em cursos de Comunicação Social e Engenharia Informática? E quanto à sub população masculina?

(27) Ver em particular, José Maria Maravall, La Sociologia de lo Posible, Madrid, Siglo XXI, 1972, cap. VII e também, Raymond Boudon, La logique de la frustration relative, Archives Européennes de Sociologie, vol 18, nº 1, 1977 e Philippe Bénétou, Les frustrations de la l'égalité - contribution aux recherches sur la relativité des aspirations et la perception des inégalités, Archives Européennes de Sociologie, vol 19, nº 1, 1978.

(28) Citação retirada das perguntas formuladas no inquérito por questionário já referido na nota (7).

(29) Citação retirada das perguntas formuladas no inquérito por questionário já referido na nota (7).